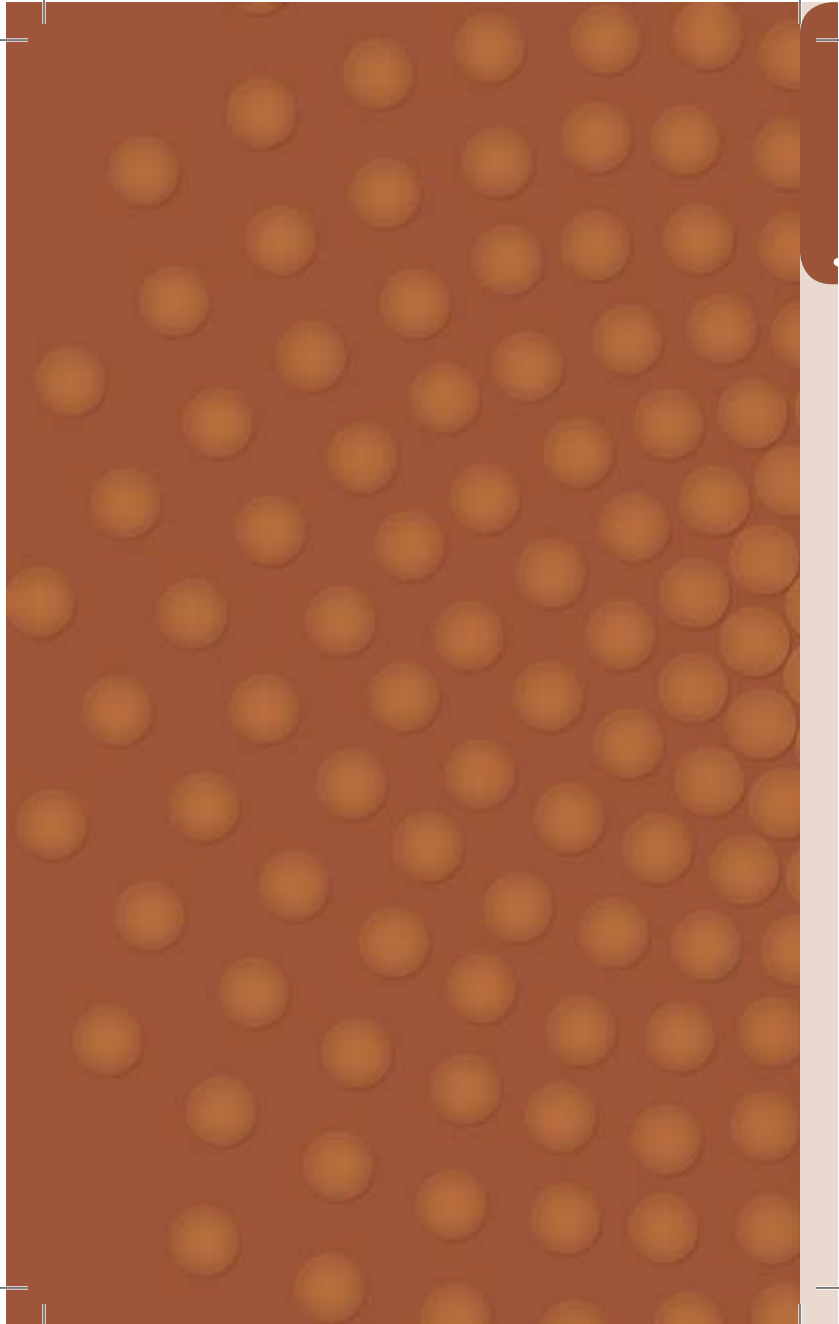


gigantes
em pílulas

expoentes da cultura brasileira em pauta

22 julho | 6 setembro | 2009
SESC Santo André



Danilo Santos de Miranda	5
Sesc Santo André	7
Clarisse Fukelman	9
Zé Andrade	11

personagens

literatura

Affonso Romano de Sant'Anna	15
Antônio Callado	16
Clarice Lispector	17
Euclides da Cunha	18
Guimarães Rosa	19
João Ubaldo	20
Jorge Amado	21
Lima Barreto	22
Lygia Fagundes Telles	23
Machado de Assis	24
Márcio de Souza	25
Mário de Andrade	26
Monteiro Lobato	27
Oswald de Andrade	28
Paulo Coelho	29
Rachel de Queiroz	30
Rubem Braga	31

humor

Barão de Itararé	34
Jaguar	35
Luís Fernando Veríssimo	36
Millôr	37
Ziraldo	38

artes

Burle Marx	40
Candido Portinari	41

poesia

Carlos Drummond de Andrade.....	44
Castro Alves.....	45
Cruz e Sousa.....	46
Ferreira Gullar.....	47
João Cabral de Mello Neto.....	48
Manoel de Barros.....	49
Manuel Bandeira.....	50
Mário Quintana.....	51
Patativa do Assaré.....	52
Thiago de Mello.....	53

humanidades

Betinho.....	56
Profeta Gentileza.....	57
Santos Dumont.....	58

música

Aldir Blanc.....	60
Ary Barroso.....	61
Caetano Veloso.....	62
Carlos Gomes.....	63
Carmen Miranda.....	64
Cartola.....	65
Dorival Caymmi.....	66
Gilberto Gil.....	67
João Gilberto.....	68
Lamartine Babo.....	69
Luiz Gonzaga.....	70
Moacyr Luz.....	71
Noel Rosa.....	72
Pixinguinha.....	73
Raul Seixas.....	74
Roberto Menescal.....	75
Tim Maia.....	76
Tom Jobim.....	77
Villa-Lobos.....	78
Vinicius de Moraes.....	79

Programação Integrada.....	81
-----------------------------------	-----------

artistas e cultura brasileira

O artista é uma pessoa atendida com o tempo histórico, o real e a vida. Ao criar sua obra, geralmente suplanta o contexto em que se encontra infundido, às vezes vindo adiante o que ainda não despontou como traço característico da sociedade que o encerra. Nisso reside parte do seu encanto, pois a dinâmica da cultura nos mostra que quanto mais as novas ideias são caracterizadas como excepcionais – justo por sua relevância ou ineditismo –, mais se deve perceber que elas não emanam do nada. Vistas na forma de lampejos intuitivos, mas em cuja resplandecência parecem anteciper o transcorrer da história, as criações culturais, de fato, são elas mesmas históricas.

Com o intuito de prestar uma homenagem aos artistas brasileiros dos dois últimos séculos e permitir uma visão retrospectiva nos marcos da criatividade, da proposição e do dinamismo – traços definidores de uma atuação que escapa à passividade e restaura no prazer e no lazer tudo aquilo que se entrecruza nos sentidos –, o SESC Santo André dispõe ao público o projeto Gigantes em Pílulas – expoentes da cultura brasileira em pauta.

Por meio desta publicação, o SESC SP prossegue em sua função social e educativa de propiciar diferentes maneiras de conhecer o real e os artistas brasileiros. Esperamos permitir, assim, influxos fundamentais de contato com a nossa história, em que figura o calor do conhecimento e da descoberta, de um lado, e o compromisso em pensar a sociedade e a educação que queremos, de outro lado, para um futuro melhor e mais digno.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC São Paulo

as “pílulas” e seus efeitos

O vasto repertório de obras produzidas ao longo dos dois últimos séculos por consagrados criadores brasileiros – representantes das diferentes áreas de expressão artística – constitui um imprescindível caldo cultural, no qual podemos encontrar, como apreciadores e fruidores, alimento para a constante busca por tornar significativa e enriquecer nossa experiência de estar no mundo. Tais produções, elaboradas por seus autores por meio da exploração de linguagens como a música, literatura, poesia, artes plásticas, entre outras, têm a capacidade de conferir forma e materialidade a fantasias, visões e sentimentos que, sem elas, tenderiam a permanecer obscuros, dispersos e, portanto, destituídos de um sentido mais denso e marcante.

O SESC Santo André, com o projeto *Gigantes em Pílulas – expoentes da cultura brasileira em pauta*, presta homenagem a esses criadores que tanto contribuíram e contribuem para tornar rica a cultura do país. Para tal, toma como ponto de partida as *personas* que distinguem essas emblemáticas figuras, ou seja, a imagem pública que cada qual – a seu modo e ao longo da carreira – forjou de si próprio, por meio da combinação de seus traços físicos, atributos personalísticos e do vestuário que adotaram como indumentária característica.

Representadas num registro bem humorado pelo artista plástico Zé Andrade, essas *personas* ganham novo corpo em peças de pequenas dimensões, confeccionadas com material e técnica milenares: a cerâmica. Sua escala e formato remetem a pílulas, mais precisamente, a “*pílulas de*

memória em forma de gente", nas palavras do artista. Desta forma, assumem a importante missão de manter viva em nossa memória o legado e a influência desses criadores.

Gigantes em Pílulas, portanto, busca deflagrar os efeitos dessas "pílulas (pequenas peças)" ao apresentá-las num modelo expositivo, que as articula a uma série de eventos artísticos e a uma ambientação específica, na qual os repertórios desses expoentes são colocados em pauta, seja por meio de mídias, como livros e CDs, seja por meio de uma diversificada programação integrada, composta por performances, *pocket shows*, bate-papos e contações de história.

Sesc Santo André

à memória, com afeto

Há pessoas que inventam poemas, teorias, aviões.

Zé Andrade inventou um museu imaginário, onde vivem personagens de nossa memória afetiva: gente como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Villa-Lobos. Transformados em esculturas de cerâmica, cabem na palma da nossa mão; assim, em pequena estatura, ícones da cultura e da arte ganham vigor surpreendente.

A economia de traços lembra a síntese da charge, mas o artista, que já fez caricatura impressa, vai além. A pequenez comove, desperta o humor e, sobretudo, leva à observação inédita, atenta à singularidade de cada ser representado. Renova-se o sentido da imortalidade, uma permanente construção.

Em seu trabalho, Zé Andrade quebra barreiras. O mundo erudito se junta ao popular. O lado imaterial da memória mistura-se à materialidade e precariedade de objetos manuseáveis. E a dimensão de realismo – pela semelhança entre o personagem e a imagem real do modelo – é relativizada pela poesia que imprime às peças. Nasce uma profunda empatia, que também aparece nas suas máscaras de grandes dimensões.

Baiano radicado no Rio de Janeiro, Zé Andrade faz uma releitura da tradição nordestina no trabalho em barro, dando-lhe um caráter *sui generis* no tratamento da matéria prima, na seleção das personalidades, pesquisa e dimensão afetiva. Tudo converge para um projeto memorialístico. Ele re-consagra figuras do patrimônio artístico

e cultural. Cada uma delas fala de si e, ao mesmo tempo, de todos os expoentes que alimentam nossa inteligência e sensibilidade.

É possível chamar as criações de bibelô: "objeto pequeno de curiosidade, beleza ou raridade". Essas criaturas trazem o que, de certo modo, já nos pertence: nosso território de lembranças, desejos e escolhas. Zé Andrade captura essa memória e lhe acrescenta terra, técnica e talento. Nascem as poderosas figuras em que nos re-conhecemos. O artista é, sim, um revelador.

Coisas de museu imaginário.

Clarisse Fukelman

humanidades

Quando criança eu tinha medos. A noite chegava, o sono não vinha, o escuro me amedrontava. Para espantar o pavor, uma tia me apresentou Monteiro Lobato. Seus heróis me fizeram companhia. Foi fácil seguir o fio da meada e atravessar a longa jornada noite adentro.

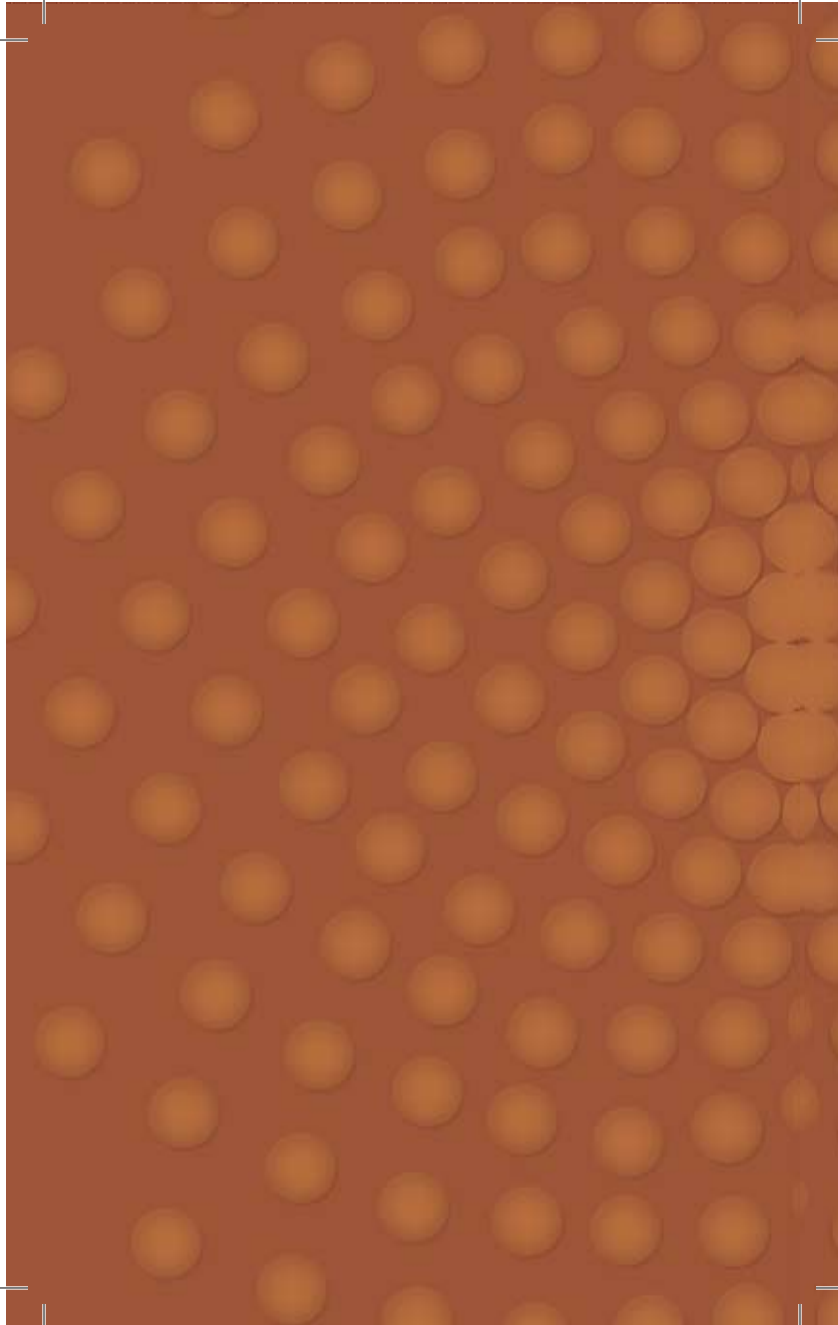
Minhas mãos surpreendiam, criavam coisas que não havia aprendido, mas que sabia fazer. Elas, as minhas mãos, me contavam histórias...

O barro é parte das mitologias. Na gênese cristã, judaica, grega e de outros povos, elas também estão presente. *Humanidade* vem de *húmus*, terra fértil, boa para o plantio.

Prometeu, herói mitológico que nos fez do barro, vendo as criaturas indolentes, sem vida, sem alma, resolveu desafiar os deuses e roubar um bem precioso: *o fogo*, privilégio exclusivo deles. Por essa ousadia foi punido.

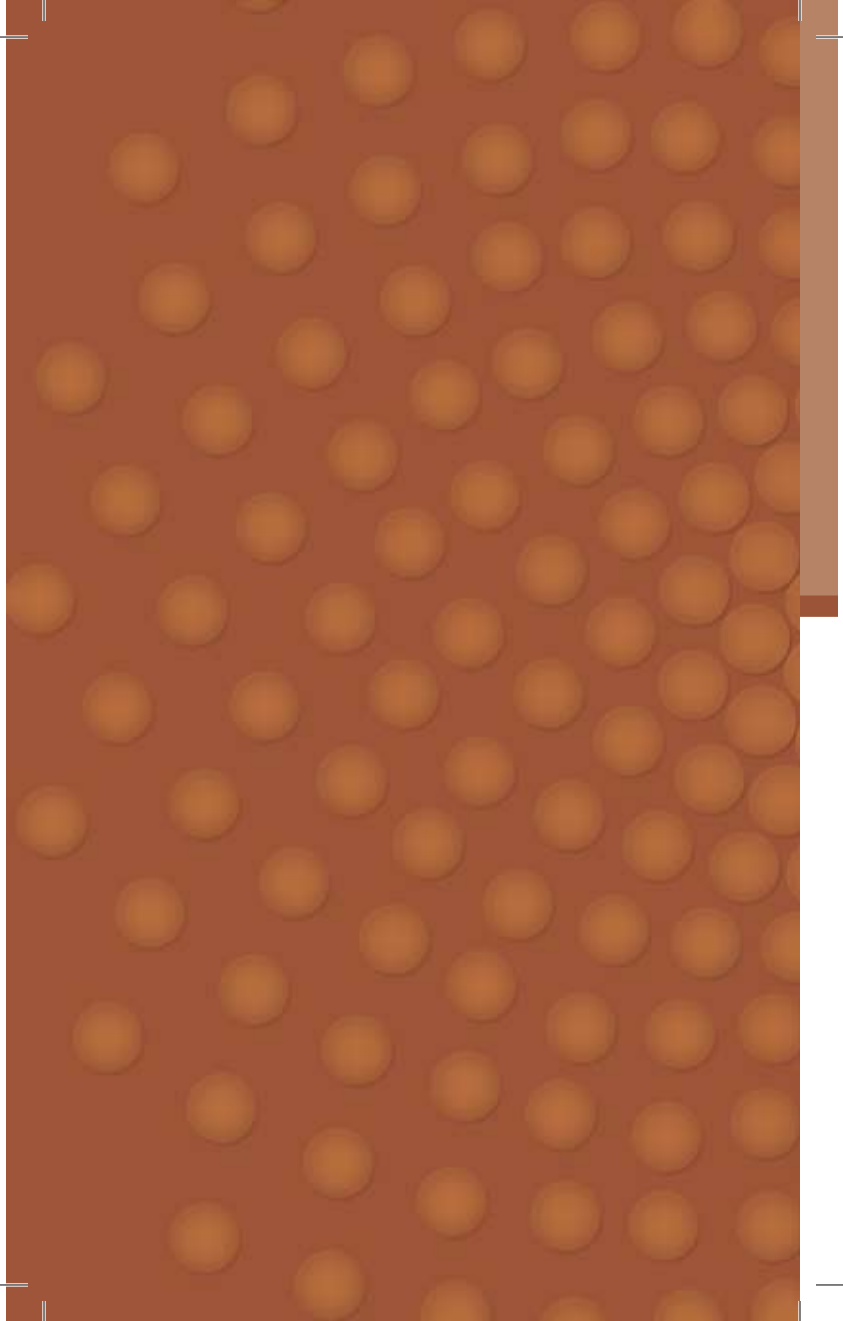
As figuras aqui retratadas são o próprio *fogo*, transformador por tudo que criaram. Elas representam faróis ou velas acesas na escuridão.

Zé Andrade
Outono de 2009



gigantes
em pílulas

literatura



Affonso Romano de Sant'Anna

Belo Horizonte – MG, 1937



“Estou te amando e não percebo, porque, certo, tenho medo. Estou te amando, sim, concedo, mas te amando tanto que nem a mim mesmo revelo este segredo.”

Poeta, cronista, ensaísta, destacado gestor cultural, professor em universidades no Brasil e no exterior. Com mais de 40 livros, inclusive os premiados *Drummond*, *o gauche no tempo* e *O Canibalismo Amoroso*, com chaves de sua obra literária: amor e questão social. À frente do Departamento de Letras da PUC-Rio, estrutura a pós-graduação, projeta a faculdade nacionalmente e abre espaço para novas áreas de pesquisa. Presidente da Biblioteca Nacional, promove a leitura e lança a revista *Poesia Sempre*. Atua nos principais jornais e revistas do país. Com textos adaptados para teatro, balé e música, alguns poemas seus (*Que país é este?*) viram emblema da luta pela democracia. Traduzido para várias línguas, recebe, entre outros, o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte pelo conjunto de sua obra. São dele: *A Poesia Possível*, *Vestígios* e *A Mulher Madura*.

Antonio Callado

Antonio Carlos Callado

Niterói – RJ, 1917

Rio de Janeiro – RJ, 1997



“ Acho que escrever é a ideia de sobreviver. Realmente outros motivos me parecem insuficientes. Acho que é o duro desejo de durar. ”

Romancista premiado, dramaturgo, jornalista e acadêmico. Correspondente de guerra no Vietnã. A elegância misturada à ironia, presentes também em sua escrita, deram a ele o apelido de *Doce radical*. Em 1937, inicia a carreira de repórter no jornal *Correio da Manhã*, onde futuramente será editor. Na Segunda Guerra, trabalha na BBC de Londres – fase retratada em seu *Memórias de Aldenham House* – e no serviço brasileiro da Radiodiffusion Française. Ao retornar, em 1947, viaja ao Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso). Desde então, faz dos índios uma de suas causas. Vinte anos depois, usa as anotações nos livros *Quarup* e *Expedição Montaigne*. Preso pela ditadura militar, leva para a ficção e jornalismo seu combate ao preconceito racial (*Chica da Silva*) e à degradação da natureza. O cinema adaptou *Kuarup*, *Xica da Silva* e *Madona de Cedro* (esta também para a televisão).



Clarice Lispector

Chechelnyk – Ucrânia, 1920
Rio de Janeiro – RJ, 1977

“ *Liberdade? É meu último refúgio, forcei-me à liberdade e aguento-a não como um dom, mas com heroísmo: sou heroicamente livre.* ”

Escritora, jornalista, tradutora. Uma das mais importantes autoras do século XX, pela profundidade psicológica e linguagem inovadora. De família judia, aos dois anos imigra para a cidade de Recife. Órfã de mãe aos nove, a família passa por dificuldades financeiras e se muda para o Rio de Janeiro (1934). Cursa Direito, faz traduções e trabalha como secretária. Publica contos e vira jornalista. Faz amizades: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino etc. Casada com diplomata, intercala viagens e vindas ao país. O primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, é saudado como o melhor de 1943. Condição feminina, comunicação humana, solidão e existência são temas frequentes. *A hora da estrela* vira filme e recebe homenagem de Maria Bethânia em LP. Vários textos são adaptados para o teatro. Autora de *Laços de Família* (contos), *A paixão segundo GH* (romance), *A vida íntima de Laura* (infantil) etc.

Euclides da Cunha

Euclides Rodrigues Pimenta
da Cunha

Cantagalo – RJ, 1866

Rio de Janeiro – RJ, 1909



“ O sertanejo é, antes de tudo,
um forte. ”

Escritor, jornalista e engenheiro. Abolicionista e republicano. Com a perda prematura dos pais, mora em várias cidades até se fixar no Rio de Janeiro, onde se forma. Adepto do positivismo e do evolucionismo, estudioso da geologia, botânica, toponímia e etnologia brasileiras, é posto à prova quando cobre a guerra de Canudos. Observa os sertanejos liderados por Antonio Conselheiro e revê sua visão sobre o nordestino. No jornal, e depois em *Os Sertões*, desmente, com linguagem enfática e trabalhada, a ideia de Canudos como foco monarquista. Os textos do repórter viram livros (*Contrastes e Confrontos, Relatório sobre o Alto Purus e Peru versus Bolívia*) nos quais questiona as tropas brasileiras, propõe a “guerra dos cem anos” contra a seca, com sugestões técnicas e científicas. Morre em duelo com o amante de sua mulher. O episódio vira minissérie e *Canudos*, filme.



Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa
Cordisburgo – MG, 1908
Rio de Janeiro – RJ, 1967

“ Quando escrevo, repito o
que já vivi antes. E para estas
duas vidas, um léxico só não é
suficiente. ”

Escritor, médico, diplomata. Estudioso de filosofia, religião e línguas. Poliglota, aos 7 anos aprende sozinho o francês. Como médico, atua no interior, faz contato com rezadores, vaqueiros e tipos que inspiram sua escrita. Em viagens a Mato Grosso e Minas Gerais, colhe dados sobre flora, fauna e costumes; usa-as em obras e personagens como Manuelzão (*Uma estória de amor*). O mundo rural com os códigos de valentia estão em *A hora e a vez de Augusto Matraga (Sagarana)*, que vira filme. O teor filosófico e a linguagem experimental renovam a literatura regionalista. A obra prima premiada *Grande Sertão: Veredas* vira minissérie. Como diplomata, serve na Alemanha (salva judeus na Segunda Guerra), Colômbia e França. Morre três dias depois da posse na Academia Brasileira de Letras, que adiava há 4 anos com medo da emoção. A morte impede indicação para o Nobel de Literatura. Obras: *Tutaméia*, *Corpo de Baile* etc.

João Ubaldo Ribeiro

João Ubaldo Osório
Pimentel Ribeiro
Itaparica – BA, 1941



“ *Eu me convenci de que escrever é a única coisa que sei fazer e de que tenho alguma coisa para dizer.* ”

Romancista, cronista, acadêmico, advogado. Chega a lecionar, mas o jornal e a carreira de escritor saem vencendo. A obra, de linhagem barroca, com viés crítico à cultura nacional, tem tido adaptações: *Sargento Getúlio* (Prêmio Jabuti) e *O santo que não acreditava em Deus* viram filme; *O sorriso do lagarto*, minissérie. O sucesso começa com a sátira à história do país, *Viva o povo brasileiro* (1984), que vira samba-enredo da Império da Tijuca. Além de escrever para o público infanto-juvenil, colabora para os jornais *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Morando na cidade do Rio de Janeiro, periodicamente faz viagens ao exterior; *Um brasileiro em Berlim* revela essa experiência. Outro sucesso, o despudorado *A Casa dos Budas Ditosos* lotou teatros do país, tendo Fernanda Torres à frente do monólogo. Há edições de seus livros na Alemanha, França e Estados Unidos. Foi agraciado com o Prêmio Camões, em 2008.

Jorge Amado

Jorge Amado de Faria
Ferradas, Itabuna - BA, 1912
Salvador, BA 2001



Romancista, jornalista e acadêmico, autor de *Tenda dos Milagres* e *Dona flor e seus dois maridos*. O repórter policial formado em advocacia não imaginava virar o escritor mais lido fora do País; foi um dos raros a viver de direito autoral. A militância no Partido Comunista, a escrita e o círculo de amigos influentes definem sua vida. Sua obra pode ser dividida em fases: a denúncia da miséria (urbana e rural) e a crônica de costumes. Da primeira, de cunho regionalista, *Capitães de areia* – queimado por Vargas – é tido como subversivo. Pela política, é preso várias vezes e também se aproxima de importantes escritores de esquerda (Albert Camus, Pablo Neruda). *Gabriela cravo e canela* inicia uma dicção sensual, com ênfase em personagens femininas. Premiadíssimo, traduzido para várias línguas, é adaptado para novelas e filmes. Foi casado com a escritora Zélia Gattai. Há documentário de Glauber Rocha sobre ele.

Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto

Rio de Janeiro – RJ, 1881

Rio de Janeiro – RJ, 1922



Jornalista, romancista, colaborador de jornais e revistas, é testemunha ocular de fatos políticos importantes na história nacional; transpôs alguns deles para seus romances e contos. Mordacidade, humor, crítica à hipocrisia social, ao estrangeirismo e às mazelas da recém-criada República lhe dão popularidade. Negro de família remediada, enfrenta o preconceito racial e as dificuldades de ascensão social. A boa formação na infância confronta-se com a orfandade materna aos sete anos, seguida da loucura do pai. Larga o curso de engenharia e vira funcionário público para sustentar a família. A sua biblioteca indica vasta leitura e gosto pela reflexão. A sátira e o retrato de tipos do subúrbio sobressaem em *Os Bruzundangas*, paródia do Brasil, e em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, adaptado para o cinema. É vítima do vício da bebida que o acompanhava há mais de dez anos.

Lygia Fagundes Telles

Lygia de Azevedo Fagundes
São Paulo – SP, 1923



“ Assim queria escrever, indo
ao âmago do âmago até atingir
a semente resguardada lá no
fundo como um feto. ”

Escritora, membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Fascinada por histórias desde criança, começa a escrever muito cedo. Enquanto cursa Educação Física e Direito, junta-se ao círculo de intelectuais paulistas. O pai a incentiva, custeando a primeira publicação. A partir da terceira obra, recebe prêmios importantes por *As meninas* (adaptado para o cinema), *Seminário de ratos*, *A noite escura e mais eu*, *Invenção* e *Memória*. Sua ficção pende para a análise psicológica, com destaque para personagens femininas. É agraciada com o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros (França) e o Prêmio Camões. O romance *Ciranda de pedra* e dois outros textos são roteirizados para a televisão. Com Paulo Emilio Salles Gomes, seu segundo marido, adapta para o cinema *D. Casmurro*, de Machado de Assis. O documentário *Narrarte* trata de sua vida e obra.

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis

Rio de Janeiro – RJ 1839

Rio de Janeiro – 1908



“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução; alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies.”

Contista, poeta, jornalista, tradutor, revolucionou a linguagem ficcional brasileira e se torna um dos principais escritores do Ocidente. Sua história é conhecida: menino pobre e mestiço, aprendiz de tipógrafo criado no Morro do Livramento (RJ) e sem acesso a cursos regulares, supera o estigma social e a debilidade de saúde. Criador de personagens memoráveis (Capitu, Bentinho, Brás Cubas), praticou diversos gêneros (crônica, ensaio, novela etc.). Os cargos públicos e a repercussão das obras o tornam bem sucedido. Dentre as mais conhecidas, *Dom Casmurro*, sobre ciúme e poder, com adaptações para teatro, televisão e cinema, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Sua literatura, reconhecida internacionalmente, é marcada por sarcasmo, pessimismo, teor filosófico e crítica à elite burguesa brasileira. Intelectual influente, é um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras.



Márcio de Souza

Márcio Gonçalves Bentes de Souza

Manaus – AM, 1946

Romancista, contista, ensaísta, dramaturgo, roteirista e jornalista. Tem a chance de, ainda bem jovem, começar a fazer crítica de cinema no jornal amazonense *O Trabalhista*, do qual o pai era sócio. Aos 20 anos, vai para a capital paulista cursar Ciências Sociais na USP. De volta a Manaus, ingressa no Teatro Experimental do SESC e, em 1976, se torna diretor de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas. Na época publica, com sucesso, *Galvez, Imperador do Acre*, narrativa insólita e bem humorada que discute o oportunismo e a falta de responsabilidade política. Publica em folhetins (Folha de S. Paulo) o romance *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi* e se muda para o Rio de Janeiro em 1983, onde preside a Fundação Nacional de Arte – Funarte. Outras obras: *Mad Maria*, *O Brasileiro Voador*, *O Empate contra Chico Mendes*, *Entre Moisés e Macunaíma*.

Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade

São Paulo – SP, 1893

São Paulo – SP, 1945



“*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...*”

Escritor, poeta, professor, crítico de música e artes plásticas, peça chave do Modernismo e dos debates sobre patrimônio e folclore brasileiros. Formado em música e canto, leciona arte, colabora na imprensa com poemas e crítica. Participa da Semana de Arte Moderna (SP). Na década de 20, saem *Losango Cáqui*, *A escrava que não é Isaura* e *Paulicéia desvairada*, poética modernista. Inicia correspondência com Manuel Bandeira e com outros escritores, consolidando amizades e propostas estéticas. O romance *Amar, verbo intransitivo* choca a burguesia. O romance *Macunaíma*, inovador e satírico, sintetiza o brasileiro comum, e depois vira filme. Viagens no Brasil resultam em obras sobre folclore, dança e música, como o *Compêndio de História da Música*. Foi Diretor do Departamento de Cultura. Mora e leciona um tempo no Rio de Janeiro. Organiza Congresso da Língua Nacional Cantada. Projeta a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN.



Monteiro Lobato

José Bento Renato
Monteiro Lobato
Taubaté – SP, 1882
São Paulo – SP, 1948

“Um país se faz com homens e livros.”

Jornalista, contista, empresário, editor, ensaísta, tradutor. Advogado, atua como promotor público; com herança do avô, vira fazendeiro. *Urupês*, primeiro livro, reúne contos publicados em periódicos. Visionário, reage à impressão de livros no exterior e renova o sistema editorial com a Monteiro Lobato & Cia., que publica os seus *Cidades Mortas*, *Negrinha* e *Ideias de Jeca Tatu*, personagem-símbolo da precária vida rural nacional. Lança, em sociedade, a famosa Companhia Editora Nacional. Criador de personagens lendários da literatura infantil: Emília, boneca com sentimento e ideias independentes; Visconde de Sabugosa, sábia espiga de milho; e outros do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que vira série de TV. Tenta a exploração de petróleo e acaba preso pelo governo Vargas. Seu livro *Escândalo do Petróleo* defende a reserva do mercado para empresas nacionais. Obras infantis: *Reinações de Narizinho*, *Emília no País da Gramática* etc.

Oswald de Andrade

José Oswald de Souza Andrade

São Paulo – SP, 1890

São Paulo – SP, 1954



“ *Senhor*
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglês
Aí do lado
Que dorme numa cadeira
À espera de visitas que não vêm ”

Poeta, romancista, dramaturgo, jornalista. De família rica, publica em semanário de humor fundado por ele. Em Paris (1912), convive com a boemia, conhece o futurismo e inicia intensa vida amorosa. Irreverente, defende em São Paulo a arte de Anita Malfatti, contra Monteiro Lobato. Participa da Semana de Arte Moderna, publica *Os Condenados* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de estrutura e linguagem inovadoras. Em 1924, inicia o movimento Pau-Brasil. Casa-se com a pintora Tarsila do Amaral e redige o *Manifesto Antropofágico*, proposta de abertura à cultura estrangeira, filtrada por visão nacional. Casa-se com a escritora e militante política Pagu. Filia-se ao PCB (depois rompe, mas continua de esquerda) e é preso várias vezes. Saem o romance *Serafim Ponte Grande* e a peça *O Rei da Vela* (1937), famosa encenação pelo Teatro Oficina. Sua poesia é precursora de movimentos concretista e tropicalista, na década de 60.



Paulo Coelho

Rio de Janeiro – RJ, 1947

Escritor e acadêmico. Após constantes conflitos familiares, adota estilo de vida anticonvencional. Vive de pequenos trabalhos de ator, produtor e jornalista alternativo. Parceiro de Raul Seixas, faz sucesso na área musical, mas prefere o esoterismo. Viagens pelo mundo levam-no a conhecer religiões orientais e sociedades secretas. Faz o Caminho de Santiago de Compostela, que inspira o livro *O diário de um mago*, sacramentando sua trajetória de autor. Desde *O Alquimista*, vira fenômeno editorial. Entre outras publicações estão *Brida*, *As Valkírias*, *O Monte Cinco* e *Zahir* – escrito após temporada no Casaquistão, lançado primeiro no Irã para lhe garantir o registro local da obra, evitando evasão de direitos autorais. Recebe condecorações na Dinamarca, México, Estados Unidos, Croácia e outros, e vários prêmios, como o Guinness World Record (2008) pelo livro mais traduzido no mundo (*O Alquimista*).

Rachel de Queiroz

Fortaleza – CE, 1910

Rio de Janeiro – RJ, 2003



“ Na verdade, eu não gosto de escrever e se eu morrer agora, não vão encontrar nada inédito na minha casa. ”

Escritora, jornalista, dramaturga e autora de obras infantis. Primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. Aprende a ler com o pai. Normalista aos 15 anos, vira colaboradora do jornal *O Ceará*, onde organiza a página literária. Escreve *O quinze*, romance sobre a seca, com boa recepção da crítica carioca e paulista. Ajuda a fundar o Partido Comunista cearense; desliga-se quando censuram seu romance *João Miguel*. O Estado Novo a prende e queima seus livros. Em 1939, radicala-se no Rio e rompe com a esquerda. Em 1944, é cronista exclusiva da revista *O Cruzeiro*. São encenadas suas peças *Lampião* e *A beata Maria do Egito*. A TV adapta *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*; o cinema, *Dora, Doralina*. Apoiava o golpe militar e integra o Conselho Federal de Cultura (1967-85). Traduzida no exterior, ganhou importantes prêmios: Machado de Assis, Camões, Juca Pato etc.



Rubem Braga

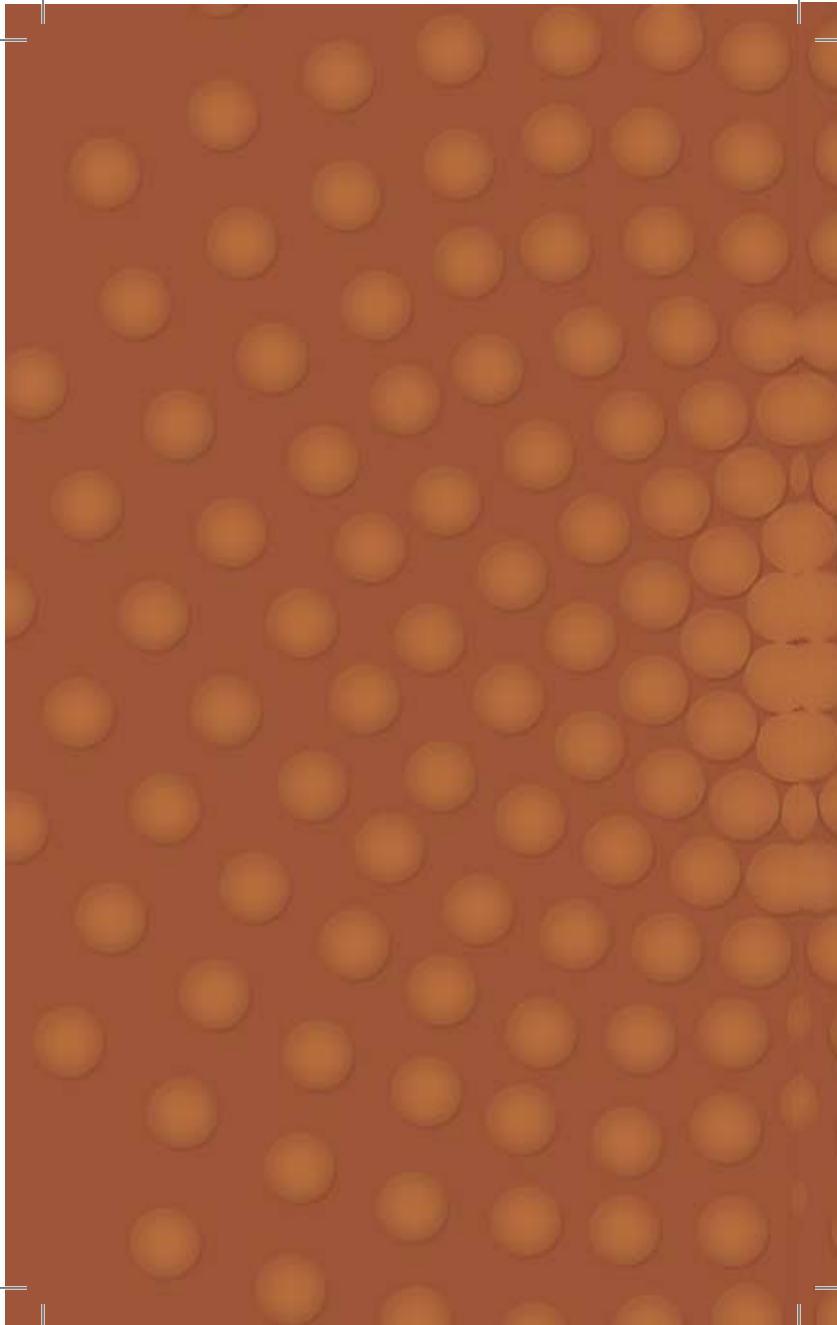
Cachoeiro de Itapemirim

– ES, 1913

Rio de Janeiro– RJ, 1990

“ Sempre escrevi para ser publicado no dia seguinte. Como o marido que tem que dormir com a esposa: pode estar achando gostoso, mas é uma obrigação. ”

Cronista, jornalista e correspondente de guerra. O lirismo, a observação do cotidiano e o interesse genuíno pelas pessoas fizeram dele um caso único no país: um autor de primeiro quilate escrevendo apenas crônicas. Embora advogado, vive da imprensa. Trabalha como redator, repórter, editor e correspondente de guerra na Itália (*Crônicas de Guerra*). Nem as prisões do Estado Novo, nem os cargos no Governo Federal (chega a Embaixador no Marrocos) o afastam do jornal. No Rio de Janeiro, funda com Fernando Sabino e Otto Lara Resende a editora Sabiá, que lança no país Gabriel Garcia Márquez e Pablo Neruda. A linguagem familiar e humorada esconde o temperamento reservado. Sua popularidade era notada na rua: passantes buscavam identificar sua cobertura em Ipanema, com imenso jardim. São dele: *O Conde e o Passarinho*, *Um Pé de Milho*, *Ai de ti*, *Copacabana* e outros.





humor

Barão de Itararé

Apparício Fernando de
Brinkerhoff Torelly
Rio Grande – RS, 1895
Rio de Janeiro – RJ, 1971



“ O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro. ”

Jornalista, humorista e político. Conhecido pelas histórias pitorescas, piadas e frases políticas, ele próprio se deu o apelido de Barão de Itararé. É um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora e ex-vereador, eleito pelo Partido Comunista Brasileiro com o lema “Mais leite, mais água, mas menos água no leite”. Chega a ter o próprio jornal, *A Manha*, sucesso desde o lançamento, mas o tabloide é fechado várias vezes, por razões financeiras e pela perseguição do Estado Novo. No fim da vida, depois de viagens ao Leste Europeu, retira-se a seu pequeno apartamento no bairro carioca de Laranjeiras, onde estuda e cria os últimos trabalhos: os “horóscopos biônicos” de amigos e de personalidades históricas. Suas crônicas foram publicadas em livro, como o *Almanhaque*.



Jaguar

Sérgio de Magalhães
Gomes Jaguaribe
Rio de Janeiro – RJ, 1932

Caricaturista, desenhista, ilustrador e cronista. Inicia a carreira na revista *Manchete*. Larga o emprego de funcionário do Banco do Brasil e se dedica apenas ao humor. Cartunista da importante revista *Senhor*, colabora em diversos periódicos cariocas (*Pif-Paf*, *Última Hora* etc.). Um dos fundadores do tabloide *O Pasquim*, onde cria o rato *Sig*, alegoria do psicanalista Freud e mascote do jornal. São dele também *Gastão*, *o vomitador*, *Boris*, *o homem tronco*, e o cartum *Chopnics*. Participa da criação da *Banda de Ipanema*, no primeiro carnaval pós-golpe militar de 1964, congregando escritores, artistas e jornalistas. Lança em 1968 a primeira coleção de *Átila, você é bárbaro*. Edita a revista *Bundas*, com Ziraldo e remanescentes de *O Pasquim*. Autor de *Confesso Que Bebi*, roteiro etílico sentimental na cidade do Rio de Janeiro de e *Ipanema - Se Não Me Falha a Memória*.

Luis Fernando Verissimo

Porto Alegre - RS, 1936



Jornalista, cronista, romancista, humorista, criador do personagem *O analista de Bagé* e da tira de quadrinhos *As Cobras*. A ótima formação e o contato com a boa biblioteca do pai, o escritor Érico Veríssimo, deram a base para se tornar um autor singular, de estilo próprio. Teve sua formação em Porto Alegre e nos Estados Unidos. Apaixonado por jazz, aprende saxofone, constituindo depois uma banda com outros humoristas. Inicia carreira no jornal *Zero Hora*, como *copydesk*. Três anos depois, já assina matérias. Autor de sucesso, são dele: *A Grande Mulher Nua*, *Amor Brasileiro*, *As Cobras* e *Outros Bichos*, *Ed Mort* em *A Conexão Nazista*, *A Velhinha de Taubaté*, *Gula* e uma série sobre cidades do mundo. Colaborador para os programas *Planeta dos Homens* e *Comédias da Vida Privada*. De temperamento reservado, é homenageado por escola de samba gaúcha no carnaval de 2000.

Millôr Fernandes

Rio de Janeiro – RJ, 1923



“Viver é desenhar sem borracha.”

Desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor. Aos 10 anos, vende o primeiro desenho para um jornal carioca. Aos 15, é contínuo no periódico *O Cruzeiro* e, no mesmo ano, ganha concurso de contos da revista *A Cigarra*, onde trabalhará depois, assinando *Vão Gogo*. Em 1956, divide o primeiro prêmio da Exposição Internacional do Museu da Caricatura de Buenos Aires; em 1957, faz a primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna (RJ). Com espírito crítico e ferino, e vasta erudição, promove brigas com políticos, personalidades e a Igreja. Ao longo da vida, colabora para importantes veículos (*Veja*, *Jornal do Brasil*) e participa da criação do jornal *O Pasquim*. Autor de teatro (*Uma mulher em três atos*, *Pigmaleoa*, *Os órfãos de Jânio*), de textos de humor (*Que país é este?*) e de poesia. Traduziu clássicos ingleses e franceses.

Ziraldo

Ziraldo Alves Pinto
Caratinga – MG, 1932



“ Acho que a anedota é um bom caminho para se entender as pessoas. Afinal, ela nasce do senso de observação daqueles que, ao entender a vida, preferem rir dela do que amaldiçoá-la.”

Desenhista de humor, advogado, jornalista, escritor infantil, dramaturgo. Um dos fundadores de *O Pasquim*, jornal satírico e libertário, contestador da ditadura militar. Amplia o imaginário brasileiro com suas criações: *Menino Maluquinho*, *Supermãe* e *Flicts*. Este, ganha o prêmio internacional Hans Christian Andersen. Com a *Turma do Pererê* cria a primeira revista brasileira em quadrinhos, de um só autor. Difundido no exterior, faz design de peças gráficas. A convite, desenha o cartaz anual da UNICEF. Recebe o *Oscar Internacional de Humor* (Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas), o *Merghanteller*, prêmio da imprensa livre da América Latina e Prêmio Academia Brasileira de Letras (2003). Tem desenhos no acervo do Museu da Caricatura de Basiléia (Suíça). *O Menino Maluquinho*, adaptado para teatro, cinema, internet, ópera infantil, lhe dá o Prêmio Jabuti. Ele e suas criações são homenageados por três escolas de samba, dentre elas, Nenê de Vila Matilde (SP, 2003).



artes

Burle Marx

Roberto Burle Marx
São Paulo – SP, 1909
Rio de Janeiro – RJ, 1994

“Todas as minhas obras refletem as mesmas preocupações estéticas, não sou como Fernando Pessoa e seus heterônimos. Dentro da minha maneira de ser, procuro o equilíbrio.”



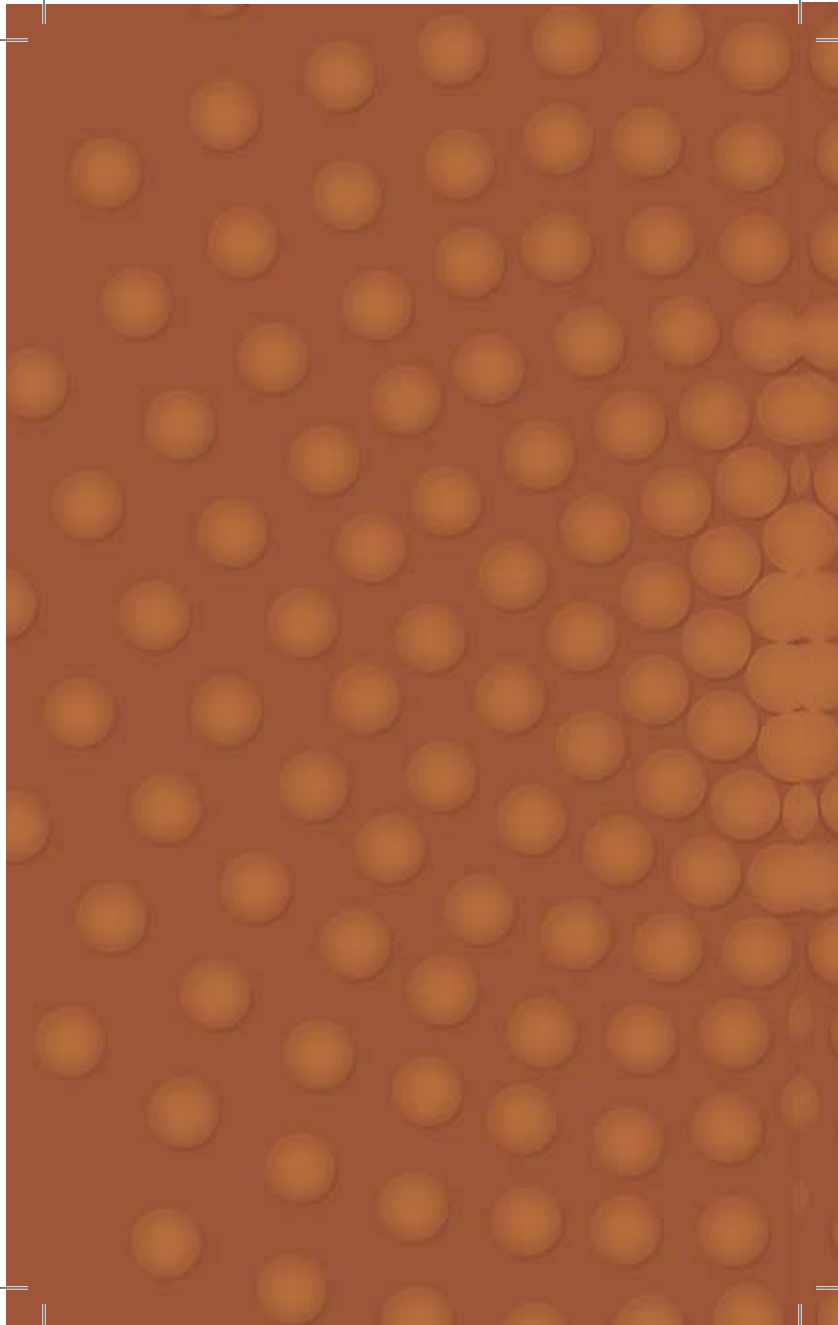
Paisagista, arquiteto, desenhista, pintor, gravador, litógrafo, escultor, tapeceiro, ceramista, designer de joias e decorador. Passa a infância no Rio de Janeiro e a juventude na Alemanha, onde estuda canto e artes plásticas, vibrando com a obra de ícones da pintura e com exemplares da flora brasileira em jardins e museus de Berlim. No Brasil, cursa pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes. Torna-se diretor de parques e jardins de Recife, Pernambuco, e afinal se fixa no Rio de Janeiro como assistente do pintor Candido Portinari. Aos poucos, seus projetos integram paisagismo e arquitetura moderna. Experimenta formas orgânicas e sinuosas. Em 1949, organiza sua coleção em sítio adquirido em Campo Grande (Mato Grosso). Com botânicos, realiza viagens pelo país; coleta, descobre e cataloga plantas, incorporando a seus trabalhos a diversidade fitogeográfica brasileira.

Portinari

Candido Torquato Portinari
Brodowski – SP, 1903
Rio de Janeiro – RJ, 1962



Pintor, gravador, ilustrador e professor. Aos 7 anos, ingressa no mundo da arte como auxiliar na decoração de uma igreja. Em 1918, muda-se para o Rio de Janeiro, onde cursa o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1929, o prêmio "viagem ao exterior" leva-o à Europa. Em suas pinturas, representa trabalhadores, tipos de diversas etnias e heróis nacionais. Com o quadro *Café*, é o primeiro modernista brasileiro premiado fora do país. Leciona para artistas como Burle Marx. Assina murais de importantes instituições: Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo, MEC (RJ) e Biblioteca do Congresso (Washington D.C.) com temas da história do Brasil. Incorpora elementos de muralistas mexicanos e cubismo de Picasso. Recebe o prêmio Guggenheim pelos painéis *Guerra e Paz* na ONU (Nova York), e é condecorado com a Legião de Honra, na França. Em 1979, o Projeto Portinari reúne acervo documental, no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.





poesia

Drummond

Carlos Drummond de Andrade
Itabira do Mato Dentro - MG, 1902
Rio de Janeiro - RJ, 1987

“ Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos muito, vamos de
mãos dadas. ”



Poeta, contista, cronista. Sua obra poética é das mais importantes no século XX. Farmacêutico de profissão e poeta por vocação, rompe com a tradição familiar e se muda para o Rio de Janeiro. Funcionário público, trabalha em órgãos federais de educação e patrimônio. Publica crônicas em jornais, faz traduções literárias do francês e espanhol e consolida uma poesia que fala de cotidiano, memória, amor, melancolia, e família, numa visão irônica. Traços modernistas iniciais (tom coloquial, humor-piada) dão lugar a uma personalidade artística que supera rótulos. Sua poesia atravessa diversas fases. Nos anos 40, por exemplo, o foco é social: livros *Sentimento do mundo*, *A Rosa do Povo* e *José*. Neste, está o poema *E agora, José*, quase tão famoso quanto *No meio do caminho*. Traduzido para diversas línguas, foi homenageado com escultura em Copacabana (RJ), onde viveu a maior parte de sua vida.



Castro Alves

Antônio Frederico de
Castro Alves
Curalinho, - BA 1847
Salvador, BA 1871

Poeta e dramaturgo do Romantismo. Abolicionista conhecido como "Cantor dos escravos". A poesia eloquente, as imagens grandiosas e as referências à amplidão, renderam-lhe o apelido de "condoreiro", em referência ao voo do condor. A motivação para a escrita não resulta da vida escolar, por sinal, irregular. Foi impulsionado pelas leituras e pelo temperamento apaixonado, como se observa tanto em sua poesia lírico-amorosa, fortemente sensual, quanto na de expressão humanitária. Sua primeira e principal musa foi a atriz Eugênia Câmara. A ruptura amorosa, a amputação de um pé e a saúde comprometida pela tuberculose deixam-no abatido, mas ele retoma à escrita com o amparo da família, estimulado também pelo amor platônico por uma cantora. Patrono na Academia Brasileira de Letras, é autor da peça *Gonzaga ou a Revolução em Minas* e de obras como *Vozes*, *D'África* e *Navio Negroiro*.

Cruz e Sousa

João da Cruz e Sousa

Desterro, atual Florianópolis – SC, 1861

Sítio – MG, 1898



*“Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas dos violões chorosos.”*

Poeta, um dos mestres do Simbolismo brasileiro. Sua biografia é trágica. Filho de ex-escravos, é protegido pelo casal Xavier de Sousa, que havia alforriado seus pais. Educado em excelente escola da região Sul, abandona os estudos quando os protetores morrem. Perseguições raciais o impedem de assumir o cargo de promotor público em Laguna (SC). Desde 1890, vive no Rio de Janeiro. Colabora em jornais, conhece simbolistas franceses e leva os temas da morte, transcendência e sexo para os livros *Missal* e *Broquéis*. Usa com originalidade recursos expressivos simbolistas. Por preconceito racial, só consegue o emprego de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil. Casado com Gavita Gonçalves, também negra, contrai tuberculose; a esposa, grávida, perde em seguida dois, dos três filhos, pela mesma doença, e enlouquece. O terceiro e o último filho têm o mesmo fim que o pai.

Ferreira Gullar

José Ribamar Ferreira
São Luiz – MA, 1930



“*Essa guerra do Nordeste
não mata quem é doutor.
Não mata dono de engenho,
só mata cabra da peste,
só mata o trabalhador.
O dono de engenho engorda,
vira logo senador.*”

Poeta, ensaísta, crítico de arte, dramaturgo, contista. Um prêmio numa redação escolar o incentiva a se tornar escritor. Publica o primeiro livro em 1949 e se muda para o Rio de Janeiro. Com *A luta corporal*, é precursor da poesia concreta paulista. Difunde o movimento no Rio, mas em 1961 adere à poesia engajada. Participa do movimento *Violão de Rua*, do Centro Popular de Cultura (UNE). Preso pela ditadura, exila-se em Moscou e Buenos Aires, de onde colabora para a imprensa brasileira, sob pseudônimo. Sem sua presença no país, lança *O Poema sujo* (1976), de cunho social, renovação na linguagem poética. Volta do exílio, torna-se roteirista da TV Globo e diretor da Funarte, vence diversos prêmios literários. Eleito Homem de Ideias Teatro: *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, com Vianninha (prêmio Molière), *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*, com Dias Gomes. Ensaios: *Vanguarda e subdesenvolvimento*.

João Cabral de Melo Neto

Recife- PE, 1920

Rio de Janeiro – RJ, 1999



“ *Catar feijão se limita com escrever:
Jogam-se os grãos na água do alguidar
E as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.* ”

Poeta, engenheiro, diplomata e acadêmico, sua obra fala da região onde nasceu – o Nordeste e sua miséria – e das cidades onde viveu. Com versos contundentes, de intensa plasticidade e poética enxuta, “concreta”, denuncia a saga do retirante e a desigualdade social, como em *Morte e Vida Severina*, adaptado para o teatro, com música de Chico Buarque de Hollanda. Das viagens internacionais a trabalho, retira outro grande tema: a Espanha. Penalizado várias vezes por sua posição política e perseguido por alucinantes enxaquecas, sofre a tragédia maior na velhice: uma doença o deixa cego, afasta-o da escrita e tira, desse tão premiado poeta, a esperança de ver seu time, o América Futebol Clube, recuperar a glória. Entre os livros do expoente da chamada “geração de 45” constam: *O cão sem plumas* e *A educação pela pedra*.



Manoel de Barros

Manoel Wenceslau Leite de Barros

Beco da Marinha/Cuiabá
– MT, 1916

“Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira.”

Poeta, advogado e fazendeiro. Sua poesia explora “os mistérios irracionais” das coisas comuns e a experiência no Pantanal mato-grossense. A forte visualidade revela a paixão por “poetas da imagem”: Chaplin, Fellini, Kurosawa, Buñuel, Jarmusch. Estuda no Rio de Janeiro, liga-se à Juventude Comunista (1935 a 37). A linguagem do padre Antônio Vieira e a liberdade de criação do poeta Rimbaud marcam sua paixão pela literatura. Antes de se radicar como fazendeiro em 1960, estuda cinema e pintura no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Na década de 80, intelectuais e artistas divulgam sua obra no Rio e em São Paulo. Prêmios: Fundação Cultural do Distrito Federal (*Gramática Expositiva do Chão*), Academia Brasileira de Letras (*Compêndio para uso dos pássaros*), Nestlé (*Livro sobre nada*) e outros. Há sobre ele o documentário *Só dez por cento é mentira*, de Pedro Cezar.

Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Souza

Bandeira Filho

Recife – PE, 1886

Rio de Janeiro – RJ, 1968

“ Assim eu queria o meu último poema.
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e
menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os
diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem
explicação. ”



Poeta, crítico de arte e de música, acadêmico e professor. Estuda Arte e Arquitetura. Ao se radicar no Rio de Janeiro, integra o círculo de intelectuais e conhece os paulistas Mário e Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda etc. Seu poema *Os sapos*, que prega a liberdade no tema e na forma, é lido como manifesto na Semana de Arte Moderna (1922). Sua poesia tem teor autobiográfico. Perdas familiares precoces, saúde frágil e itinerância acompanhando os pais manifestam-se na ironia melancólica e nos temas do cotidiano, passado e desencontro amoroso. Aos 18 anos, a (falsa) notícia da morte iminente por tuberculose leva-o a sanatórios. Reporta-se ao episódio no irônico poema *Pneumotórax*. Outro poema famoso, *Vou-me embora pra Pasárgada*, sintetiza, com humor, um mundo ideal. Autor de biografias de poetas românticos, foi tradutor, fez crônicas para o rádio e experimentou diversos estilos.



Mario Quintana

Mario de Miranda Quintana
Alegrete – RS, 1906
Porto Alegre – RS, 1994

“*Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!*”

Poeta, escritor e doutor Honoris Causa em várias universidades. O incentivo à carreira começa com a premiação de um conto, ainda bem jovem. Depois publica em revistas, ingressa na redação de jornal e se torna tradutor de escritores como Rosamond Lehman, Lin Yutang, Proust, Virginia Woolf etc. Em 1939, já é conhecido no país. Monteiro Lobato encomenda-lhe livro. Mantém a coluna *Do Caderno H* no *Correio do Povo*. Sob aparente simplicidade, sua poesia, de alcance filosófico, fala de cotidiano, afeto, tempo e religiosidade. Aos 60 anos, lança *Antologia Poética*, prêmio de melhor livro do ano. Outros prêmios por *A Vaca e o Hipogrifo* e *Apontamentos de História Sobrenatural*. Homenageado por Manuel Bandeira com um poema; por Paulo Mendes Campos, com uma crônica; e por seu estado natal com o tombamento do prédio do hotel onde viveu, a *Casa de Cultura Mário Quintana*.

Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva

Assaré – CE, 1909

Assaré – CE, 2002



“ para ser poeta de vera é preciso ter sofrimento. – LIVRO *Cante lá que eu canto cá* ”

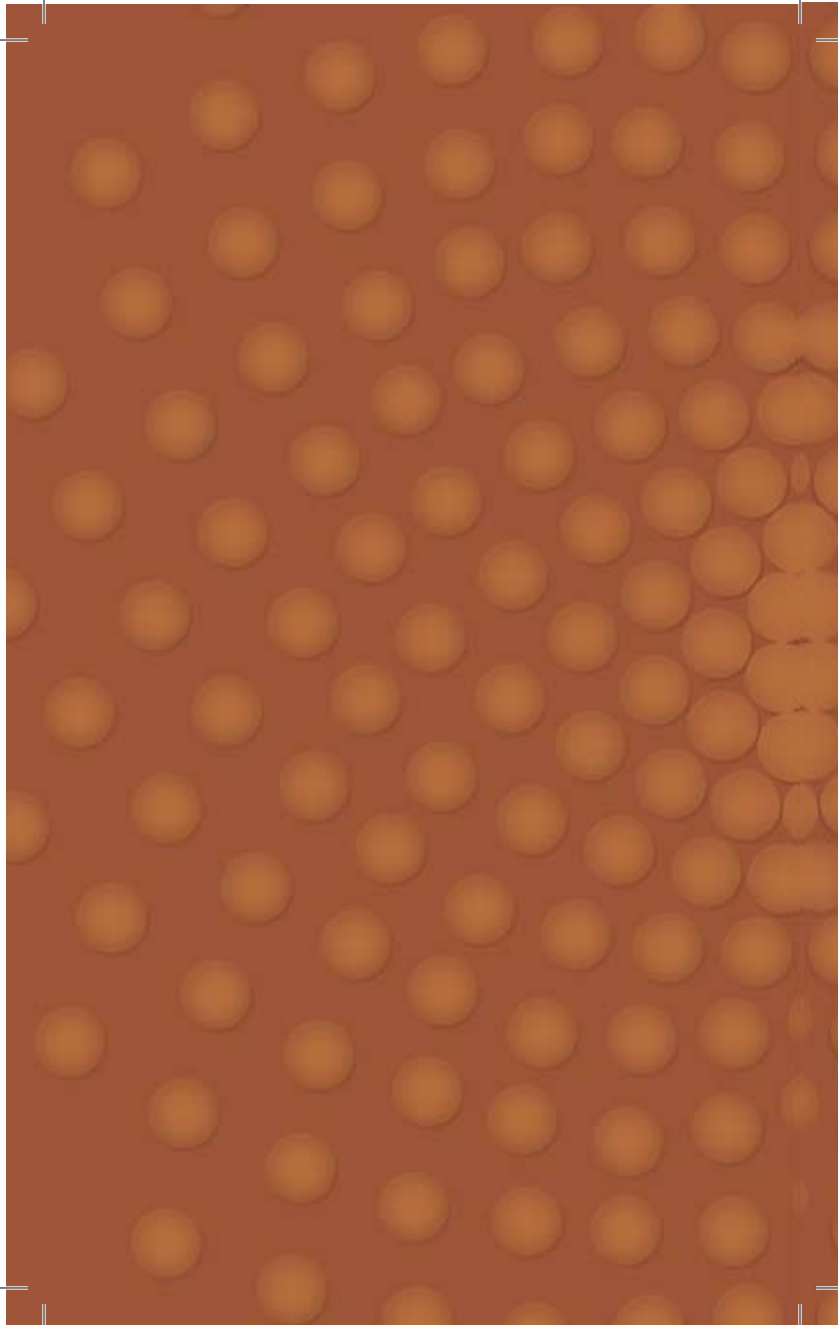
Poeta popular, compositor, cantor e improvisador. Por doença, fica cego de um olho quando criança. Órfão de pai, ajuda a família na lavoura. Aos 12 anos, frequenta poucos meses a escola e se alfabetiza. É quando começa a compor repentes, apresentando-se em feiras e eventos. O pseudônimo Patativa vem da comparação de sua poesia com a beleza do canto da ave. Ao participar de programa de rádio, é descoberto por José Arraes de Alencar, que o apoia na publicação do livro *Inspiração Nordestina* (1956). Seu trabalho tem forte oralidade. Ao lado da poesia cotidiana, de rima regular (ele a chama de "matuta"), compõe nos moldes clássicos camonianos (inclusive sonetos). Aborda temática diversa: social, religiosa, lírica, humorística. De incrível memória, recita de cor seus poemas. Mesmo aos 90 anos de idade. Outros livros: *Ispinho e Fulô* e *Aqui tem coisa*.

Thiago de Mello

Amadeu Thiago de Mello
Barreirinha- AM, 1926



Poeta e tradutor. Em meados do século XX, troca os estudos de medicina pela literatura. Movido pelo forte vínculo com a terra natal e pelo sentimento humanitário, seus versos logo são saudados pelos poetas Manuel Bandeira e Pablo Neruda, de quem se torna amigo pessoal. Perseguido e exilado pela ditadura militar, vê seu livro *Faz Escuro Mas Eu Canto* e seus poemas *Os Estatutos do Homem* e *Madrugada Camponesa* tornados bandeiras de resistência e manifestos a favor dos direitos humanos. Ganha em 1975 prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte pelo livro *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*, em que renova o tema da fraternidade. No CD *A Criação do Mundo*, comemorativo dos 80 anos, declama poemas, musicados pelo irmão Gaudêncio Thiago de Mello. Traduzido para diversos idiomas, mantém grande número de leitores fiéis no Brasil.





humanidades

Betinho

Herbert José de Sousa
Bocaiúva – MG, 1935
Rio de Janeiro – RJ, 1997



“ Eu nasci para o desastre,
porém com sorte.”

Sociólogo, escritor e ativista dos direitos humanos, irmão do famoso cartunista Henfil, concebe o projeto *Ação da Cidadania contra a Miséria e Pela Vida*. Por influência dos dominicanos (década de 50), integra a Juventude Estudantil Católica e a Juventude Universitária Católica. Em 1962, funda a AP – Ação Popular. No governo João Goulart, apoia a reforma agrária. Foge à ditadura, indo morar no Chile, Canadá e México. Com a anistia, volta ao país e cria o IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) com os economistas Carlos Afonso e Marcos Arruda (1981). Hemofílico, contrai AIDS numa das transfusões de sangue. Engaja-se pelos direitos dos portadores do vírus. Participa da luta pelo *impeachment* do ex-presidente Collor. Livros: *Estreitos Nós* (crônicas), *No Fio da Navalha* (biografia), *Como Se Faz Análise de Conjuntura* (sociologia).

Profeta Gentileza

José Dadrino

Cafelândia, SP 1917

Mirandópolis, SP 1996



“Sou maluco para te amar e
louco para te salvar”

Ficou conhecido em 1980, pelas inscrições pintadas sobre 56 pilastras de um viaduto na cidade do Rio de Janeiro. Com caligrafia singular e colorido verde-amarelo, repetia a frase “Gentileza gera gentileza”. Ele se dizia “amansador dos burros homens da cidade que não tinham esclarecimento”, em referência à infância difícil, quando amansava burros e puxava carroça vendendo lenha. Em 1961, muda-se para o lugar do incêndio no *Gran Circus Norte-Americano*, em Niterói. Consola parentes das vítimas e difunde o sentimento de gentileza, que deu origem ao apelido. Segue pregando de túnica branca e longa barba, nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Admiradores criam o projeto que recupera as pilastras degradadas pelo tempo e por pichadores. Cantado por Gonzaguinha e Marisa Monte, recebeu homenagens em livro, documentários, samba-enredo e novela. Há duas ONGs com seu nome.

Santos Dumont

Alberto Santos Dumont
Cabangu, Distrito Palmira – MG, 1873
Guarujá – SP, 1932



Aeronauta e inventor. Incentivado pela ficção científica de Julio Verne e pelo interesse por máquinas e esportes, o *Pai da Aviação* guia locomóveis e constrói mini-aeroplanos desde criança. De família rica, estuda ciência e mecânica em Paris. Aos 18 anos, pilota e começa a construir balões, como o *Brazil* (menor aeronave até então). Faz experiências de dirigibilidade e vence o disputado Prêmio Deutsch. Com o *N-6* circula a Torre Eiffel. É agraciado pelo governo brasileiro e recebe convites de todo mundo. Estimulado a voos mais velozes, cria novos modelos. Um dos famosos é o *14-bis*, sem roda traseira. O uso dos aviões na guerra o deprime. Refugia-se em Petrópolis, no atual Museu Casa de Santos Dumont. Desde 1922 tem vida itinerante no Brasil e na Europa. Ao contrário de outros inventores, deixa as pesquisas como domínio público. A causa de sua morte, segundo alguns, foi suicídio.



música

Aldir Blanc

Rio de Janeiro – RJ, 1946



“Acreditar
Na existência dourada do sol
mesmo que em plena boca
nos bata o açoite contínuo da noite.”

Letrista e escritor, ganha projeção na parceria com João Bosco, com quem compõe *Bala com Bala*, *O Mestre-Sala dos Mares*, *De Frente pro Crime* etc. Festivais de música e eventos culturais dos anos 60 e 70 difundiram suas letras cheias de humor, lirismo e imagens inusitadas. Dentre elas, *Amigo é pra essas coisas* (com Sílvio da Silva Júnior), interpretada pelo MPB-4. Grandes cantoras o interpretam: Elis Regina, com *O Bêbado e a Equilibrista*, transformada em manifesto contra a tortura na ditadura; Clara Nunes, com *Nação*; Leila Pinheiro, com o CD *Catavento e girassol*, só com músicas da dupla Aldir e Guinga. Versátil, tem parceiros bem diferentes entre si: Moacyr Luz, Cristóvão Bastos, Ivan Lins. Autor de *Brasil passado a sujo* e *Rua dos Artistas e transversais*, tem crônicas na revista *Bundas* e no *Jornal do Brasil*, e participa do livro *Passeios na Zona Norte*.



Ary Barroso

Ary Evangelista Barroso

Ubá – MG, 1903

Rio de Janeiro – RJ, 1964

“Minha vida sempre foi um mar encapelado. Detesto a superfície parada das lagoas. Se fui vitorioso, foi porque abri minha alma à luta com entusiasmo e esperança.”

Compositor e radialista. Autor de *Tabuleiro da baiana* e da internacional *Aquarela do Brasil*. Convence a família a não vestir a batina de padre e se torna músico. Aos 12 anos, trabalha como pianista auxiliar num cinema de Ubá. Com dinheiro de herança, vai para o Rio de Janeiro. Apresenta-se em orquestras da capital Federal e de São Paulo. Na Faculdade de Direito fica amigo de pessoas influentes. São de lá o parceiro Lamartine Babo (*Amor de mulato, Oh! Nina*) e Mário Reis, que gravou *Vamos deixar de intimidade*, o primeiro sucesso. Escreve para o teatro musicado e trabalha em rádios como pianista, locutor esportivo e humorista. Cria o programa *Calouros em Desfile*, só com música brasileira. Premiado nos Estados Unidos pela trilha do filme *Você já foi à Bahia?*, assina sucessos de Carmen Miranda. Foi vereador e vice-presidente do Departamento Cultural do Flamengo.

Caetano Veloso

Caetano Emanuel Vianna
Telles Velloso
Santo Amaro da Purificação
– BA, 1942



“ *Existimos, a que será que se destina?* ”

Compositor, letrista, produtor. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, leva na bagagem João Gilberto e a canção sertaneja. Participa de festivais; com *Alegria, alegria*, usando guitarras elétricas, dá início ao *Tropicalismo*, movimento que mescla urbano, rural, regional e estrangeirismo (*Baby, Geléia geral*), na linha da antropofagia modernista. Exilado em Londres pela ditadura, continua a compor. De volta, grava músicas carnavalescas (*Muitos carnavais*) e latinas (*Rumba azul*). Cria obras primas da MPB: *Terra, Sampa, Cajuína*. Apresenta-se no exterior, compõe trilhas e canta em filmes (*Frida, A flor do meu segredo*). Em permanente renovação, ao longo da carreira dá nova dicção a Vicente Celestino, Roberto Carlos etc. Em *Fina estampa* começa a parceria com o maestro e arranjador Jaques Morelenbaum. Retoma a dupla com Gil em *Tropicália 2 (Haiti, Desde que o samba é samba)*. Autor do livro *Verdade Tropical*.



Carlos Gomes

Antônio Carlos Gomes
Campinas, SP 1836
Belém do Pará, PA 1896

Compositor. O mais famoso operista romântico brasileiro, depara-se com a orfandade materna e integra a banda formada pelo pai para sustentar a família (1846). Alterna apresentações, trabalho em alfaiataria e aprimoramento musical. Aos 15 anos, compõe valsas e polcas. *A Noite do Castelo* é o primeiro trabalho de fôlego. Ganha fama em São Paulo e é agraciado pelo Imperador no Rio de Janeiro. Escreve *Quem sabe?*, a partir de poesia de Bittencourt Sampaio; os versos *Tão longe, de mim distante* são cantados até hoje. Com apoio do Governo, diploma-se compositor pelo Conservatório de Milão, Itália, tendo peças apresentadas lá. Adapta o romance *O guarani*, de José de Alencar, para a ópera. A abertura monumental e o sabor brasileiro imortalizam-no. Entre idas e vindas ao Brasil, escreve *Salvador Rosa* e *Maria Tudor*, considerada por ele sua melhor obra. A ópera *Lo Schiavo* é encenada em 1887, em homenagem à Princesa Isabel, dias antes de ele morrer.

Carmem Miranda

Maria do Carmo Miranda da Cunha
Marco de Canavezes – Portugal, 1909
Beverly Hills – EUA, 1955



“Sou brasileira. Apenas nasci em Portugal.”

Cantora e atriz cinematográfica, migra para o Brasil com um ano. Com apoio do compositor Josué de Barros vai para a Rádio Roquete Pinto. Na rádio Mayrink Veiga, Cesar Ladeira, outro benfeitor, a batiza de *A pequena notável*. Faz sucesso com a marcha *Pra Você Gostar de Mim (Tai)* de Jubert de Carvalho. Anos depois, interpreta em filme *O Que É Que a Baiana Tem?*, de Caymmi. Sua voz e ginga a levam aos Estados Unidos, sob contrato. Lá, vive da imagem exótica e sensual. Apresenta-se na Broadway, assina com Hollywood mais de 10 filmes (*Serenata Tropical*, *Copacabana*, *Uma Noite no Rio*, *Romance Carioca*, *Se eu Fosse Feliz*) e excursiona pelo mundo. É a primeira artista latino-americana homenageada no *Chinese Theater* com mãos gravadas no cimento. Aos que criticam seu sucesso inicial no exterior, replica com *Disseram que Voltei Americanizada* (Vicente Paiva/ Luiz Peixoto), regravada por Adriana Calcanhoto.



Cartola

Angenor de Oliveira

Rio de Janeiro – RJ, 1908

Rio de Janeiro – RJ, 1980

“*Queixo-me às rosas, mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti*”

Cantor, compositor e violonista, um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira e dos maiores sambistas brasileiros. Aprende cavaquinho com o pai; em crise financeira, a família vai morar na Mangueira. Vira amigo de Carlos Cachça, troca o estudo pela boemia. Aos 18, é socorrido pela vizinha Deolinda, com quem passa a viver. Servente de obra, ganha o apelido Cartola, pelo chapéu que usa. Mas não larga o samba nem a vida desregrada. Nos anos 30, é gravado por Aracy de Almeida, Francisco Alves, Silvío Caldas. Na década de 40, é desprestigiado pela Mangueira, adocece, enviuva e some. O jornalista Sergio Porto o reencontra em 1956. Volta a cantar e compor. Em 1964, com a esposa Dona Zica abre o Zicartola, restaurante que atrai músicos de toda parte. São dele as memoráveis *As rosas não falam*, *O mundo é um moinho*, *Acontece*, *O sol nascerá* (com Elton Medeiros), *Quem me vê sorrindo* (com Carlos Cachça), *Alvorada* etc. Em 1974, grava o primeiro e premiado disco-solo (*Cartola*).

Dorival Caymmi

Salvador – BA, 1914

Rio de Janeiro – RJ, 2008



Cantor, compositor e letrista. Aos 16 anos, toca violão de ouvido e compõe. Canta em rádio; em 1935, ganha o próprio programa: *Caymmi e suas Canções Praieiras* (Rádio Clube da Bahia). Aos 23, vai para o Rio de Janeiro, trabalha em jornal e compõe. Em 1938, é calouro na rádio Tupi. Pelo estilo inovador, *O que é que baiana tem* vira música tema do filme *Banana da Terra*, com Carmem Miranda. Autor de obras-primas sobre o mar e vida de pescadores baianos (*Rainha do Mar*, *Promessa de Pescador*, *O Mar*). Nos anos 40, fase de samba-canção, compõe *Marina*. Conhece então o amigo Jorge Amado, cujos personagens inspiram *É doce morrer no Mar* e *Modinha para Gabriela*. É interpretado por João Gilberto com a batida da bossa nova (*Rosa Morena* e *Saudade da Bahia*). Conhecido pela calma e demora em concluir algumas composições, tem três filhos músicos: Danilo, Dori e Nana. Recebe vários títulos, homenagens e é homenageado pela Mangueira, em 1986.



Gilberto Gil

Gilberto Passos Gil Moreira
Salvador – BA, 1942

“ A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus ”

Cantor, compositor, letrista, administrador, político. Desde a infância admira a música de Luiz Gonzaga. Aprende acordeão e estuda violão, influenciado por João Gilberto. Em 1962, conhece Caetano Veloso, Bethânia e Gal. Vai para o eixo Rio-São Paulo e grava Louvação. No Rio, participa de festivais. *Domingo no Parque*, com *Alegria, alegria*, de Caetano, lança o Tropicalismo: mistura indústria cultural, tradição brasileira e crítica social. Na volta do exílio em Londres, lança *Refazenda*. Incorpora o reggae e o pop (*Realce, Raça Humana*). Trabalha com Jimmy Cliff e faz versão de Bob Marley, *Não chores mais*. Com Caetano lança o rap *Haiti*. Sucessos: *Preciso Aprender a Só Ser, Eu Só Quero um Xodó* (Dominguinhos/Anastácia), *Punk da Periferia, Sítio do Pica-pau Amarelo, Drão* etc. A carreira internacional lhe rende Grammy de Melhor Disco de World Music e Grammy Latino (2006). Foi vereador (Salvador, 1989) e Ministro da Cultura, no governo Lula (de 2003 a 2008).

João Gilberto

João Gilberto do Prado Pereira
de Oliveira
Juazeiro – BA, 1931



O “criador da bossa nova” ganha um violão aos 14 anos de idade e jamais o larga. Já é, então, fã de Duke Ellington e Tommy Dorsey a Dorival Caymmi e Dalva de Oliveira. Vai para o Rio de Janeiro ser cantor e faz sucesso no grupo *Garotos da Lua*. Sai da banda por indisciplina. Conhece Tom Jobim e um grupo de estudantes, também músicos, com quem lança o movimento da bossa nova, gênero inovador no ritmo e na interpretação vocal. Com o LP *Chega de Saudade*, lança a carreira e difunde o movimento; com a nova bossa interpreta Tom Jobim e músicas populares antigas. A fama internacional começa em 1962. Conquista jazzistas norte-americanos e grava com Stan Getz e Tom Jobim o álbum *Getz/Gilberto*. A música *Garota de Ipanema* (em inglês) sagra-se mundialmente. Continua gravando no Brasil e no exterior, experimentando sonoridades e repertórios. Nas raras apresentações, o sucesso é absoluto.



Lamartine Babo

Lamartine de Azeredo Babo

Rio de Janeiro – RJ, 1904

Rio de Janeiro – RJ, 1963

“*Eu me achava um colosso. Mas um dia, olhando-me no espelho, vi que não tenho colo, só tenho osso.*”

Compositor e radialista. Conhecido como Lalá, aos 14 anos já compõe sem conhecer teoria musical. Aos 16, cria ópera e música sacra. Advogado, fica famoso pelas marchas carnavalescas bem humoradas, bem afim com seu temperamento alegre, de quem adora trocadilhos. Especialista em melhorar canções alheias, traduz a “alma carioca” dosando gozação e sentimento. É autor, entre outras, de *A-E-I-O-U* (com Noel Rosa), *Linda Morena*, *Cantores do Rádio* (com João de Barro/ A. Ribeiro), *O teu cabelo não nega* – que vira enredo da Imperatriz Leopoldinense. Compõe, num só dia, os hinos dos principais clubes do Campeonato Carioca de Futebol de 1949. Começa com o do América Futebol Clube, time do coração, mas capricha também nos demais; não oficiais são os hinos populares. Também compôs samba e valsa: *No Rancho Fundo* (Ary Barroso), *Eu Sonhei que Tu Estavas Tão Linda* (Francisco Mattoso) etc.

Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga do Nascimento

Exu – PE, 1912

Recife – PE, 1989



“ Eu tenho mania de escola porque eu não tive escola, então eu tenho que dar escola, porque eu sei a falta que me faz. ”

Compositor, intérprete, instrumentista, conhecido como *O Rei do Baião*. Trabalha na roça e anima bailes com a sanfona aprendida com o pai. Alista-se no exército; em Minas Gerais, recebe lições musicais de outro soldado, o sanfoneiro Domingos Ambrósio. Dá baixa para se dedicar à música. Destaca-se no programa de Ary Barroso, executando *Vira e Mexe*, tema regional de sua autoria. Contratado pela Rádio Nacional, divulga a música nordestina no país. Na busca de nova expressão para a musicalidade rural, compõe toadas e se une a Humberto Teixeira, transformando baião em moda. Em 1946, quando o país pouco valoriza o baião, xote e xaxado, a música *Baião* explode no mercado. Suas composições têm temas picantes ou denunciam a miséria do sertão, como a obra prima *Asa Branca*. Ganha notoriedade com as clássicas *Siridó*, *Jua-zeiro*, *Qui Nem Giló* e *Baião de Dois*.

Moacyr Luz

Moacyr da Luz Silva
Rio de Janeiro - RJ, 1958



Violonista, compositor e cantor. Inicia a formação musical com o avô, clarinetista da Banda do Corpo de Bombeiros. Logo se apaixona pelo samba e elege o violão como instrumento, aperfeiçoando-se com Hélio Delmiro, futuro parceiro. Em dobradinha com Aldir Blanc, recebe o Prêmio Sharp por *Coração do Agreste*, tema da novela *Tieta*. Adora a cidade do Rio de Janeiro (homenageada em *Saudades da Guanabara*, com Paulo César Pinheiro). Algumas composições têm citações de Ary Barroso, Nelson Cavaquinho, Cartola, Elton Medeiros, Noel Rosa. Gravado por Fafá de Belém, Maria Bethânia, Emilio Santiago, Nana Caymmi, Elba Ramalho. Transforma a paixão pela leitura e pela cidade no CD *A Sedução Carioca do Poeta Brasileiro*, com versos de poetas famosos. No livro *Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos* revela seu vasto conhecimento da cultura dos bares.

Noel Rosa

Noel de Medeiros Rosa

Rio de Janeiro – RJ, 1910

Rio de Janeiro – RJ, 1937

“*Sou do sereno
Poeta muito soturno
Vou virar guarda-noturno
E você sabe por quê
Mas você não sabe
Que enquanto você faz pano
Faço junto do piano
Esses versos pra você.*”



Cantor, compositor, instrumentista e um dos mais importantes nomes da mpb. Carioca de Vila Isabel, bairro que eterniza em *Feitiço da Vila* e *Palpite Infeliz*, é responsável por unir o samba do morro e o do asfalto. De família de classe média, aprende música “de ouvido”. Troca a faculdade de Medicina pela boemia, integrando grupos musicais com Almirante, Braguinha e outros. Em 1930, desponta com *Com que roupa?*. Temas do cotidiano tratados com humor e crítica atraem intérpretes de todo tempo: Aracy de Almeida, Marília Batista, Gal Costa, Elis Regina, Ivan Lins. Com música em filmes (*Alô, Alô, Carnaval; Cidade-Mulher* e *Cabaret Mineiro*), é personagem do teatro de Plínio Marcos (*O Poeta da vila e seus amores*) e do cinema, encarnado por Chico Buarque (*O Mandarim*) e também por Rafael Raposo (*Noel – Poeta da Vila*). A bebida e o cigarro agravam a tuberculose que o vitima aos 26 anos.



Pixinguinha

Alfredo da Rocha Viana
Filho

Rio de Janeiro – RJ, 1897

Rio de Janeiro – RJ, 1973

Compositor, músico, cantor, arranjador, regente e pesquisador de música. Mistura o choro a ritmos africanos, estilos europeus e música negra americana, criando um estilo genuinamente brasileiro. Seu dia de nascimento é escolhido para o *Dia Nacional do Choro* (23 de abril). Menino prodígio, toca cavaquinho aos 12 anos; aos 13, bombardino e flauta, trocada depois pelo saxofone. A fama começa em 1919, no conjunto *Oito Batutas*, sendo flautista ao lado de João Pernambuco e Donga. Por meio dele, a alta sociedade carioca conhece ritmos e instrumentos antes restritos aos subúrbios. O mais surpreendente é que *Carinhoso* (1916-17) e *Lamentos* (1928), verdadeiras obras primas, foram mal interpretadas e julgadas na época. A primeira, foi vista com polca e, ambas, como "pouco brasileiras". Outras composições, entre centenas, são *Rosa*, *Vou vivendo*, *Lamentos* e *Sofres porque Queres*.

Raul Seixas

Raul Santos Seixas
Salvador - BA, 1945
São Paulo - SP, 1989



“Estudei literatura. Comecei a ver coisas sem verdades absolutas. Sempre aberto. Abrindo portas para as verdades individuais.”

Compositor e letrista. De “maluco beleza” não tinha nada. De visionário e genial, sim. Abordando com irreverência tabus e temas universais, torna-se ídolo de várias gerações. As letras e músicas revelam o ávido leitor que queria ser escritor e a admiração pela música nordestina e pelo rock. Supera o fracasso do primeiro disco (de 1967) e segue compondo para a Jovem Guarda até ganhar projeção no Festival Internacional da Canção (1972). O LP *Krig-Ha, Bandolo* estoura nas paradas. Livre pensador, exila-se após prisão pela ditadura. Mas o êxito o traz de volta: *Gita* ganha disco de ouro. Prossegue com os parceiros Cláudio Roberto (*O Dia em que a Terra Parou*) e Marcelo Nova (UAH-BAP-LU-BAP-LA-BEIN-BUM). *A Panela do Diabo*, último disco em vida, rende novo prêmio, mas o álcool o derrota, ao final. Shows em sua homenagem continuam atraindo novos e antigos fãs.

Roberto Menescal

Roberto Batalha Menescal
Vitória – ES, 1937



Violonista e compositor, participa das famosas reuniões no apartamento da cantora Nara Leão, em Copacabana, embrião da bossa nova. Sua formação musical inclui estudos de harmonia, arranjo e composição. Embora especializado em violão, toca acordeão, gaita e também piano, por imposição da família na infância. No Rio de Janeiro, abre uma academia de violão em sociedade com o músico Carlos Lyra. Enquanto leciona, compõe com Ronaldo Bôscoli um dos hinos do movimento: *O Barquinho* (1961). A parceria repete sucessos, vários deles tendo o mar como tema: *Você, Ah, Se Eu Pudesse, Nós e o Mar* etc. Com o conjunto de Roberto Menescal, acompanha artistas como Dorival Caymmi, Maysa, Silvinha Telles. Ele próprio excursiona pelo mundo, difundindo a bossa nova. Gerencia projetos musicais, como o *Bossacucanova* e, em 2005, produz com Carlos Lyra, o documentário *Coisa mais linda*.

Tim Maia

Sebastião Rodrigues Maia
Rio de Janeiro - RJ , 1942
Niterói - RJ, 1998



Cantor. Compositor. De família de 18 irmãos, já compõe quando criança. Aos 14 anos, inicia a carreira como baterista de *Os Tijucanos do Ritmo*. Estuda violão e forma *Os Sputniks* (1957) com Roberto e Erasmo Carlos. Em 1959, vai para os Estados Unidos onde se torna vocalista do grupo *The Ideals*. O primeiro sucesso é *These are the songs*, que grava depois com Elis Regina (1970). Estoura nas rádios com a sua *Azul da cor do mar*, *Coroné Antonio Bento* (L.Wanderley/ João do Vale) e *Primavera* (Cassiano). São de sua autoria as memoráveis *Não quero dinheiro (Só quero amar)* e *Réu confesso*. Em 1975, inspirado na seita *Universo em Descanto*, lança *Tim Maia Racional* em dois volumes, que virou *cult*. Com selo próprio (Vitória Régia Discos), grava clássicos do pop e do soul norte-americano. Homenageado por Jorge Ben Jor em *W Brasil*, é gravado por artistas como Marisa Monte e Skank. Ao longo da vida, sofreu com a dependência de drogas.

Tom Jobim

Antônio Carlos Brasileiro
de Almeida Jobim
Rio de Janeiro – RJ, 1927
Nova Iorque – NY, 1994



“A criação musical em mim
é compulsória. Os anseios de
liberdade nela se manifestam.”

Compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista. Um dos criadores da bossa nova, compôs *Garota de Ipanema* com Vinícius de Moraes, a canção brasileira mais tocada no exterior. Conquista o público com a sofisticação musical e certo romantismo melódico. Dentre seus clássicos: *Ela é Carioca* (Vinícius), *O Morro Não Tem Vez*, *Inútil Dindi* (Aloysio de Oliveira). Inicia como pianista em bares até ser contratado como arranjador na gravadora *Continental*. Compõe em parcerias com Billy Blanco (*Tereza da Praia*), Dolores Duran (*Se é por Falta de Adeus*) e Vinícius de Moraes (*Se Todos Fossem Iguais a Você*). O LP *Canção do Amor Demais* consagra o novo ritmo. O sucesso chega a Nova York e grava com Frank Sinatra. No Brasil, firma parceria com Chico Buarque (*Sabiá*). Nos anos 70, mistura música erudita, jazz e elementos brasileiros. Passa a se apresentar com a Banda Nova (álbum *Passarim*, 1987).

Villa-Lobos

Heitor Villa-Lobos

Rio de Janeiro – RJ, 1887

Rio de Janeiro – RJ, 1959



Regente e compositor erudito, com a obra mais vasta no século XX. Traz para a música clássica sons da Amazônia e folclore brasileiro. Seu primeiro instrumento é o violoncelo aprendido com o pai; participa de rodas de choro, depois o homenageia na série *Choros*. Irreverente, foge ao ensino acadêmico do Instituto Nacional de Música. Com apoio do pianista polonês Arthur Rubinstein e ajuda financeira dos Guinle, vai para a França. De volta, introduz no governo Vargas a disciplina de coral no Ensino Médio, e promove concertos ao ar livre. Na década de 40, seu eixo é Rio-Nova Iorque. A incorporação de temas nordestinos e a combinação original de instrumentos, percussão popular e imitação de cantos de pássaros, de que é mestre, têm ótima aceitação. Compõe *O Trenzinho do Caipira* e as famosas *Bachianas* (uma delas inspira o *Samba em Prelúdio*, de Baden Powell e Vinícius de Moraes).

Vinicius de Moraes

Marcus Vinícius da Cruz e
Mello Moraes

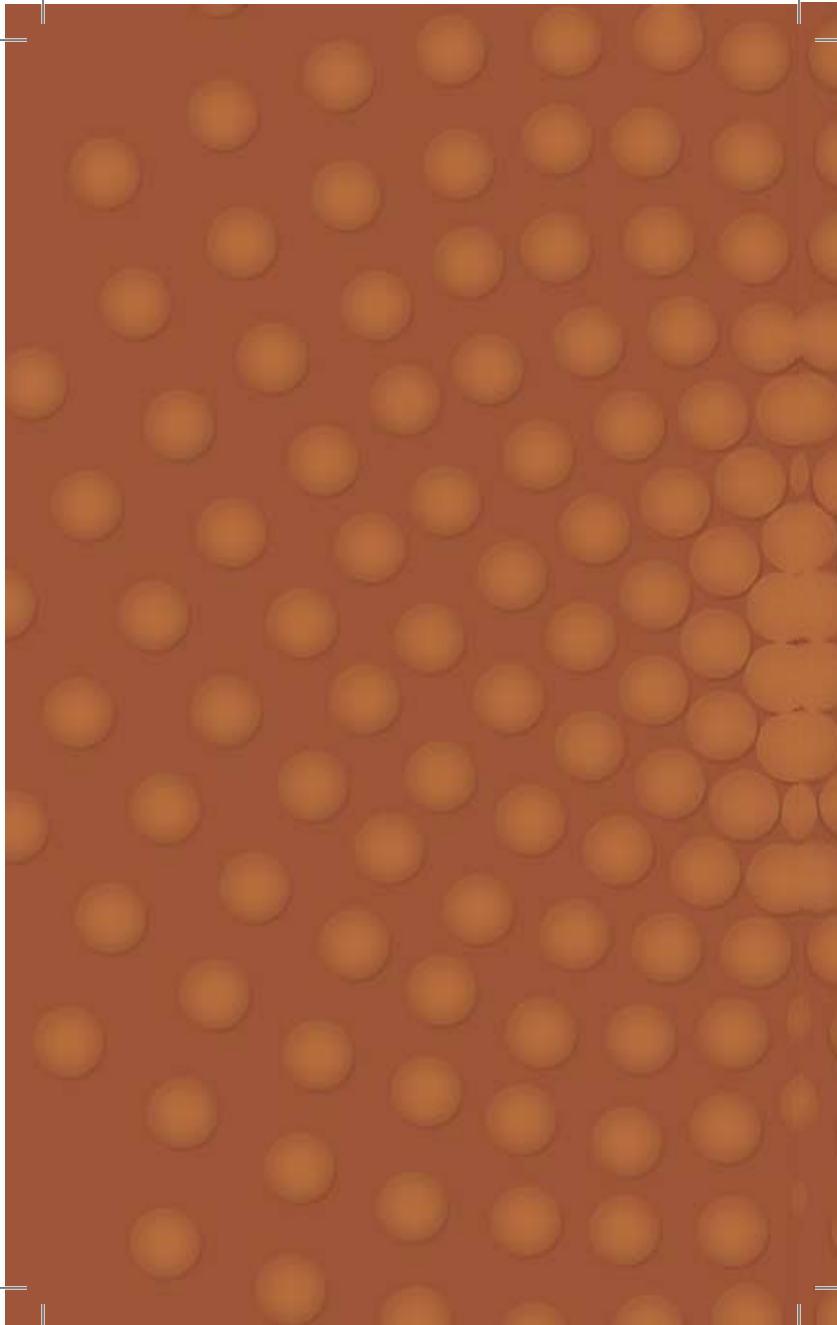
Rio de Janeiro – RJ, 1913

Rio de Janeiro – RJ, 1980



“ Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer – e vive a esmo ”

Com pais ligados à música, cresce morando em vários bairros do Rio de Janeiro. Em 1930, cursa Direito e se aproxima de expoentes do cenário político e intelectual. Ganha prêmio já com *Forma e exegese*, segunda obra de poesia. Vira amigo de poetas (Bandeira, Drummond, Neruda etc.), colabora na imprensa e fica conhecido pela poética sensual e lírica, que fala do cotidiano, e também por sonetos de amor. Ingressa na diplomacia: serve em Los Angeles, Paris e Montevidéu. Continua publicando – e se casando: nove casamentos oficiais. Escreve a peça *Orfeu da Conceição* transformada no filme *Orfeu negro*; dirigido por Marcel Camus, ganha Palma de Ouro e Oscar de filme estrangeiro. É quando inicia a parceria com Tom Jobim (*Garota de Ipanema* e outras); depois com Carlos Lira, Pixinguinha e Baden Powell (*Canto de Ossanha*). Em 1969, é exonerado pelo regime militar. Inaugura a parceria com Toquinho, com quem excursiona no Brasil e exterior.



gigantes
em pílulas

programação integrada

- *Programação gratuita*
- *Todas as atividades são livres para todos os públicos.*
- *Local: Coreto*

Expoentes Remix

Expoentes da música popular brasileira ganham uma colagem sonora e intuitiva por meio da discoteca-gem do radialista e DJ Julio de Paula.

Dia 22, quarta, às 19h30.

Brasileiro, Profissão Mário de Andrade

Pascoal da Conceição faz uma intervenção recriando algumas passagens da vida do escritor, como "há uma gota de sangue em cada poema", "meditação sobre o Tietê", e trechos de "Mário de Andrade desce aos infernos".

Dia 22, quarta, às 20h.

Ferreira Gullar Poeta-Leitor

O poeta fala da sua relação, como leitor, com a produção poética de nomes-chave da cultura literária nacional, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário Quintana e Castro Alves, entre outros.

Dia 23, quinta, às 20h.

Gente de Terra: Poemas e Canções

Apresentação musical a partir dos repertórios de Tom Jobim, Noel Rosa, Villa-Lobos, entre outros. Com Raquel Anastásia e Willian Vasconcelos.

Dia 25, sábado, às 16h.

Repentistas na ordem do dia

Os cantadores farão versos improvisados ao som da viola, interagindo com a plateia. O repertório poético de Castro Alves com riqueza de conteúdo e rimas. Com Sebastião Marinho e Luzivan Mathias.

Dia 26, domingo, às 16h.

Pílulas de Memória

Bate-papo com a pesquisadora e docente Clarisse Fukelman e o jornalista e escritor Luís Pimentel. O encontro tem como ponto de partida a produção plástica do artista Zé Andrade.

Dia 30, quinta, às 20h.

Voz Inventada

Contação de histórias com música, entremeadas de poemas musicados de Mario Quintana, Manuel Bandeira e Manoel de Barros. Com a Cia. Conto em Cantos.

Dia 1º, sábado, às 16h.

agosto

Guimarães Rosa – O Feiticeiro das Palavras

Neste sarau literomusical, Carlos Navas também é um leitor interessado e fascinado pela obra de João Guimarães Rosa, repartindo com os ouvintes as surpresas e a magia do autor.

Dia 2, domingo, às 16h.

Vinicius: Palavras e Música

Zé Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski apresentam uma seleção de canções de Vinicius de Moraes, entremeadas de leituras de alguns poemas.

Dia 6, quinta, às 20h.

Histórias no Coreto

Intervenção literária na qual duas atrizes criam narrativas curtas no interior de um coreto, provocando a reflexão. Textos de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mario Quintana e João Cabral de Melo Neto. Com Tininha Calazans (atriz) e Marília Macedo (flautista).

Dia 8, sábado, às 16h.

Lígia Morena canta Clarice

Lígia Morena faz uma viagem pela obra da escritora Clarice Lispector, a partir de "A Hora da Estrela", "Água Viva" e de alguns contos. Com: Lígia Morena (voz), Regente Max Leon (violão), Mestre Caçapava (percussão) e Tatiana Reis (interpretação de texto).

Dia 9, domingo, às 16h.

Oficina Zé Andrade

O artista plástico Zé Andrade ministra oficina onde ensinará suas técnicas para confecção das pílulas de memória, contando a história do barro e a sua mística, presente na gênese da cultura de vários povos, além das possibilidades de seu uso contemporâneo. 15 vagas por turma. Área de Convivência. Inscrições na Central de Atendimento.

De 11 a 14 e 18 a 21, terça a sexta, das 14h às 18h.

Colóquio Outrora e Hoje, Monteiro Lobato Sempre

Com Carmen Lucia Azevedo, pesquisadora e autora do livro "Furacão da Botocúndia", e 'Conceição Molinaro', autora do livro "O Sabugo Inventor".

Dia 13, quinta, às 20h.

Realejo Poético

Com o seu simpático boneco de realejo, a Cia. Patética lerá para o público poemas de Thiago de Mello, João Cabral de M. Neto, Cruz e Sousa e Manoel de Barros, que remetem ao universo reflexivo da passagem dos anos.

Dia 15, sábado, às 16h.

Luiz Gonzaga é tiro certo

Integrado por experientes músicos, que já dividiram o palco com os mais respeitáveis intérpretes do gênero, o grupo executa o que há de melhor no repertório de Gonzagão. Com Anai Rosa (voz e viola de arco), Renato Cigano (acordeão), Márcio Forte (percuteria) e Manoel pp (Zabumba).

Dia 16, domingo, às 16h.

Fernando Faro

Fernando Faro fala sobre a sua relação, como ouvinte, com os expoentes Tom Jobim, Dorival Caymmi e João Gilberto.

Dia 20, quinta, às 20h.

Lembranças e Memórias – As Pílulas

Contaçãõ de histórias inspirada na criação humorística de Barão de Itararé, Ziraldo e Luis Fernando Veríssimo. Com a Cia. Sábias Cenas.

Dia 20, quinta, às 9h e às 15h.

Patativa do Assaré – o poeta e o seu chão

Espetáculo com poemas, canções, causos e importantes passagens da vida do poeta Patativa do Assaré. Com Moreira de Acopiara.

Dia 22, sábado, às 16h.

Toca Raul!

Há mais de 15 anos, Paulo Mano vem se dedicando a interpretar as músicas do Raul Seixas. Com um vasto repertório, o cantor mistura grandes clássicos com canções menos conhecidas do público, fazendo com que o seu show se transforme num verdadeiro espetáculo. Com Paulo Mano & Banda Novo Aeon.

Dia 23, domingo, às 16h.

A Cor do Chuchu – Um cadinho de Burle Marx

O grupo Te Conto Umás viaja num coração visionário que entendeu a necessidade dos homens de circular por caminhos sem impedimentos. Transita na mente do artista que criou na sociedade moderna, porém, retilínea e monocromática que surgia as curvas e cores que serviram de moldura para a história do Brasil no século XX.

Dia 27, quinta, às 9h e às 15h.

Ruy Castro

Na conversa, o escritor dá um testemunho sobre seus encontros pessoais com Tom Jobim, João Gilberto, Vinicius de Moraes, Tim Maia, Millôr Fernandes, Jaguar, Luis Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Guimarães Rosa e – olha só! – com Carmen Miranda.

Dia 27, quinta, às 20h.

A Rosa do Povo

Adaptação dos principais poemas de "A Rosa do Povo", de Carlos Drummond de Andrade, considerado o livro mais político e o mais extenso de todas as obras do autor. Direção de Ulisses Lopes. Com o Grupo Cia. das Cenas.

Dia 29, sábado, às 16h.

Moacyr Luz

Considerado um dos grandes compositores da atualidade, possui nove CDs gravados, trazendo em cada trabalho importantes referências à música brasileira. No repertório, sambas como "Anjo da Velha Guarda", "Pra Que Pedir Perdão" e "Cachaça, Árvore e Bandeira".

Dia 30, domingo, às 16h.

A volta do irmão do Henfil

Performance-homenagem que tem como objetivo expor as ideias e a vida de Betinho por meio de uma abordagem poética e experimental.

Dia 3, quinta, às 20h.

Intervenções Machadianas

Atores personagens inspiram-se em obras de Machado de Assis, propondo interferências teatrais junto ao público. Com Alex Santos & Cia.

Dia 5, sábado, às 14h e às 16h.

Choronas

O quarteto formado por Ana Cláudia (cavaquinho), Gabriela Machado (flauta transversal), Paola Picherzky (violão) e Roseli Câmara (percussão) apresenta uma seleção de choros compostos por Pixinguinha.

Dia 6, domingo, às 16h.

Serviço Social do Comércio – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Gerências

Ação Cultural Rosana Paulo da Cunha **Adjunto** Simone

Engbruch Avancini **Assistentes** Francis Manzoni / Nilva

Luz / Sérgio Pinto **Estudos e Desenvolvimentos** Marta

Colabone **Adjunto** Andréa de Araújo Nogueira **Assistente**

Cristianne Lameirinha **Artes Gráficas** Hélcio Magalhães

Projeto Gráfico Lourdes Teixeira Benedan **SESC Santo**

André Laura Maria Casali Castanho **Adjunto** Robson Silva

Equipe Técnica Dino Moura / Diogo de Moraes / Rafael

Spaca **Bonecos** Zé Andrade **Fotos** Antonio Batalha